

Os Piratas de Vila
Velha e outros contos

VANESSA RODRIGUES RABELO

Os Piratas de Vila
Velha e outros contos

R114e Rabelo, Vanessa Rodrigues, 1992 —
Os piratas de Vila Velha e outros contos/
Vanessa Rodrigues Rabelo. — Florianópolis : Bookess
Editora. 2013.

144p.

ISBN 978 - 85 - 804 - 5767 - 4

1. Literatura brasileira. 2. Ficção e contos brasileiros.
I. Título.

CDD : B869 . 3

CDU : 82 - 343

Dedicado a você, querido leitor

João, o cavaleiro do Castelo da Luz

Em 1898, o Brasil passava por mudanças concisas. A escravidão havia sido abolida em 1888, mas a discriminação e a falta de inclusão dos antigos escravos ainda eram grandes.

Maria era uma antiga escrava. Com o fim desse terrível passado brasileiro, a vida da mulher não progrediu muito. Foi despejada da fazenda, na qual trabalhou e nasceu. Passou a morar nas ruas da cidade que viria a ser o coração do Brasil, o Rio de Janeiro.

Ela era negra, baixa e muitíssimo magra. Porém, sobreviveu durante alguns anos nas ruas, graças a um segredo que possuía. Sempre que desejava fazer o bem, uma enorme luz era emanada das mãos dela. Maria não sabia, mas era uma Amazona da Luz.

Ela, porém, não se sentia triste. Pois, possuía um filho. Ele era a maior luz para a mulher continuar a viver. O poder vindo do coração dela, para proteger a criança, era tão grande que conseguia transformar pedra em pão para não o ver com fome. Não roubavam, não eram criminosos, não faziam mal a ninguém, eles apenas sobreviviam dia após dia nas calorosas ruas do Rio de Janeiro.

João, filho de Maria, era um garotinho de pouca idade. Franzino, via a mãe como uma heroína. Ele também havia nascido na mesma fazenda em que a mulher morava. O pai do menino era o senhor do engenho. Mas, filhos bastardos deviam morar na senzala, era assim que o poderoso fazendeiro pensava.

Maria e o filho moravam nas ruas próximas à atual reserva ambiental da Barra da Tijuca. Durante o dia, a mulher sempre estava à procura de um emprego. Poderia ser de faxineira, lavadeira, cozinheira ou qualquer outro serviço honesto. Entretanto, ela era negra, com isso, ninguém queria que ela fosse vista nas nobres casas ou estabelecimentos respeitáveis.

Mesmo estando em um momento muito difícil da vida, João era muito feliz por ter Maria como mãe. Ela sempre o deixava feliz.

Certo dia, passavam por uma bela rua. Nesse local, havia uma enorme confeitaria. De onde estavam, era possível ver os saborosos doces servidos no local. Os olhos de João encheram-se de vontade de deliciarem-se com o alimento. A mãe falou ao filho:

- João, não cobiça esses doces. Não podemos ter isso, mas graças a Deus, fome nós não passamos.

- Desculpa, mamãe.

A mulher abraçou o filho. De mãos dadas, continuaram a caminhada.

Aqueles, com certeza, eram tempos difíceis para os negros alforriados. Jogados, literalmente, na sociedade industrial que surgia, foram marginalizados pela elite branca.

Um grupo de comerciantes da região em que Maria e João viviam estava insatisfeito com o grande número de negros que moravam naquelas ruas. Juntaram-se e decidiram, então, por um fim nessa questão. Durante a noite, um grupo armado atacaria os ex-escravos.

Maria estava assentada em um passeio juntamente com João. Olhavam a lua cheia que brilhava no escuro céu. Nuvens não havia. As estrelas também brilhavam fortemente. Uma cadente cruzou a infinita escuridão. A mãe pediu ao filho que fizesse um desejo.

-Quero sempre estar ao lado da minha mãezinha!

A mulher sorriu e olhou para o garoto.

Do início da rua, surgiu um grupo de homens encapuzados com pedaços de madeira em mãos. Um deles aproximou-se de um negro que dormia no chão. Deu-lhe uma pancada nas costas. O homem, que estava deitado, gemeu de dor.

A confusão estava armada. Os negros reagiram. Muitos sabiam lutar capoeira. Davam golpes no bando de homens brancos. Maria segurou a mão de João e começou a correr.

Ela não sabia para que lugar fugiria. Tinha apenas a certeza de que iria proteger o filho. Corriam o mais rápido que podiam. Porém, nenhum dos negros contava com o elemento surpresa que os agressores possuíam. Tiros começaram a ser disparados no ar.

Maria abaixou-se, assim, protegeu o filho, abraçando-o. A correria era desesperadora. Luzes misteriosas surgiram de todos os cantos. Ninguém via de onde elas vinham. Maria também não sabia. Esses misteriosos raios atingiram o grupo de homens brancos.

Um dos brancos, entretanto, conseguiu se aproximar de Maria. Ele apontou um pedaço de madeira contra ela e João. Para proteger o filho, a mulher estendeu as mãos e, como esperado, um feixe de luz atingiu o agressor. Nesse mesmo momento, ela foi baleada pelas costas por outro integrante do grupo de comerciários.

Os olhos de João encheram-se de lágrimas. Ele não suportaria perder a mãe daquela forma. O garoto fechou as pequenas mãozinhas e olhou para os céus.

Do alto surgiu um lindo cavalo alado. De pelos branquíssimos, carregava uma mulher. Ela tinha a pele muito clara e cabelos curtos. Usava um vestido totalmente branco e completamente cobertos por estrelas do mar. Nele, havia um leve toque de brilho dourado. Na cabeça dela estava uma estrela do mar, também, ornamentando.

Ela apontou para o homem que havia disparado a arma de fogo contra Maria. Das mãos da mulher de cabelos curtos, também, saiu um enorme feixe de luz. João não compreendia o que estava acontecendo.

Os homens brancos corriam sem saber o que os atingia. João percebeu que somente ele podia ver aquela curiosa mulher. Passou a prestar mais atenção ao redor dele e viu que havia outras mulheres em cavalos alados. Quem elas eram? Ele perguntava.

A mulher de cabelos curtos aproximou-se do menino e da mãe dele. O garoto olhou assustado para a forasteira. Gentilmente, ela sorriu e disse:

- Não fica preocupado. Os homens não foram atingidos gravemente. Em pouco tempo, acordarão novamente.

Ele olhou desoladamente para a mãe e a mulher continuou a dizer:

-Levarei você e sua mãe comigo. O pior ainda não aconteceu com ela. Sinto que a luz de Maria diminuiu cada vez mais.

A mulher aproximou-se da que estava ferida. Estendeu as mãos novamente, luzes foram emanadas. Dessa vez, direcionada para as feridas de Maria. Não houve melhoras imediatas. A negra estava sem consciência.

Outra mulher, ruiva e com longos cabelos cacheados, aproximou-se das outras duas.

- Melina, ajuda-me a colocar Maria em um de nossos cavalos.

- Deixa que eu a leve em meu cavalo. Leva o menino no teu.

A mulher de cabelos escuros segurou o braço do garoto e conduziu-o para o cavalo dela. Em seguida, ajudou a ruiva a prender Maria junto à colega para poderem ser transportadas pelo cavalo alado.

A mulher com roupa de estrelas do mar ajudou o garoto a montar no cavalo e fez o mesmo depois. Emitiu uma luz para o céu. O cavalo alado começou a bater as enormes asas. Os outros animais das outras mulheres copiaram-no. Todos alcançaram voo facilmente.

O menino teve medo e agarrou-se com muita força à companheira de voo. Ela falou:

-Não tenha medo. Eu protegerei você e sua mãe.

João pensava, seria ela um tipo de anjo vinda dos céus?

Ele sentia que estava, cada vez, mais perto das estrelas. Apesar de tudo o que aconteceu, conseguia sentir felicidade. Olhou para o cavalo ao lado. A mulher ruiva estava montada no animal

juntamente com a mãe de João. Maria estava sendo segurada por Melina.

João não sabia o porquê, mas sentia que estava protegido agora. Lá de cima, observava que a cidade do Rio de Janeiro ficava cada vez menor e mais distante. Voavam em direção à floresta.

Depois de voarem por um tempo, relativamente, curto, começavam a voltar para próximo da terra firme. Aproximavam-se, cada vez mais, até que pousaram ao solo.

A floresta era muito densa. A mata fechada fazia com que o local parecesse ser mais escuro do que realmente era.

Cavalgaram nos cavalos alados, agora ao solo. O garoto observava, curiosamente, os olhos brilhantes que podiam ser vistos vindo de dentro da mata ao longo do caminho. Seriam onças? Ele não sabia o que era ao certo.

Continuaram o trajeto até aproximarem-se de uma enorme árvore. Ela era realmente grande. Tanto a

largura quanto o comprimento eram bastante extensos.

A jovem de cabelos curtos desceu do cavalo e caminhou para perto da árvore. Com as mãos, emanou energia para o vegetal. O tronco abriu-se. Todos os viajantes adentraram pelo local que havia sido aberto.

O garoto maravilhou-se com o que via. Estavam em uma floresta dentro da própria floresta. Sim, até João ficou confuso com isso. No centro dessa nova mata, havia um enorme castelo feito de areia. Ele brilhava intensamente.

Os cavalos ficaram do lado de fora da construção de areia. Pastavam próximo dali, ainda nos limites da nova mata. Levaram Maria para um dos quartos que havia no local. Deitada em uma cama, todas as Amazonas da Luz, presentes no aposento, emanaram energia através das mãos para a mulher ferida. A vida parecia retornar lentamente para o rosto dela. A bala da arma não havia ficado alojada na ferida.

As Amazonas pararam de emanar luz. Pareciam abatidas por realizarem isso. Uma delas tinha fisionomia muito semelhante com a do povo indígena brasileiro. Ela falou:

- Será que conseguiremos restabelecer a luz dela?
- Darei a minha vida para isso! Não deixarei nada acontecer a essa mulher ou à criança.

Disse a mulher de vestido com estrelas do mar.

- Creio que com essa seção de luz, ela passará bem durante a noite. Voltaremos amanhã e revezaremos para emanar luz para Maria.

João olhava assustado para aquelas mulheres. Será que a mãe dele ficaria em bom estado?

Uma mulher de cabelos loiros e estatura baixa interrompeu a conversa do grupo e falou:

- Hoje, vimos os Renegados rondando os arredores daqui.
- Alerta a todos. Não podemos deixar que eles invadam o Castelo da Luz!

Respondeu Melina.

A jovem de cabelos curtos olhou para o garoto e comentou:

- João, deve estar com fome e muita pergunta sobre nós. Venha comigo! Na cantina, explicarei quem nós somos.

O garoto sorriu e seguiu a mulher. Passeavam pelos enormes corredores do castelo de areia. O menino via que várias salas existiam ali. Chegaram a um grande salão. Em uma das paredes arenosas, havia vários quadros, nos quais rostos de mulheres estavam pintados. Entretanto, em uma fileira de retratos existia a imagem de um homem. Ele tinha a pele muito alva, cabelos longos e negros. Usava uma armadura. João achou curioso que aquela fosse a única imagem masculina.

Finalmente, chegaram ao refeitório. Nele, havia uma enorme mesa de vidro. Mais de cem pessoas poderiam fazer refeição ali. As cadeiras eram feitas de bambu e palha.

A mulher, que tinha uma estrela do mar ornamentando a cabeça, arrastou uma cadeira para o garoto assentar-se. Quando ele já estava à mesa, ela saiu e, pouco tempo depois, retornou com um prato em mãos. Assentou-se ao lado do garoto e entregou a refeição para ele.

Uma torta de limão muito saborosa era o que existia no prato. O garoto comeu a refeição com os olhos. A mulher entregou-lhe uma colher e ele não perdeu tempo em devorar realmente a deliciosa refeição.

- Deve ter várias perguntas sobre quem somos nós.

Disse a mulher.

O garoto balançou a cabeça positivamente. Ela continuou:

- Devo dizer primeiro o meu nome. Chamo Olga. Eu, assim como a sua mãe, sou uma Amazona do Castelo da Luz ou, simplesmente, Amazona da Luz.

Ele parou a refeição e observou atentamente o que a mulher falava.

- Toda a felicidade gerada na humanidade emite uma forma de energia. Existem mulheres que conseguem canalizar essa energia e transformá-la em luz, quando é necessário fazer algo de bom para outra pessoa.

O menino encheu-se de orgulho da mãe que possuía. Olga continuou a falar:

- Conseguimos localizar outras colegas Amazonas através da Grande Fonte que há no nosso Castelo da Luz. Mas, somente quando a Amazona utiliza o poder que tem com frequência.

O menino, pela primeira vez, desde que entrou no Castelo da Luz, falou:

- Foi por isso que encontrou minha mãe só agora?

- Sim, ela passou a usar o poder com mais frequência.

- Fiquei feliz por terem ajudado a minha mãe.

Olga sorriu para o garoto e falou:

- Protegerei a você e sua mãe com a minha própria vida.

O coração de João encheu-se de um calor muito bom.

- Minha mãe ficará bem?

- Certamente, eu irei dar um pouco da minha luz para ela até que possa ficar boa.

João ainda possuía dúvidas.

- Eu tenho três dúvidas.

- Pergunta-as, se eu puder, respondo-as.

Disse a mulher, gentilmente.

- Por que eu fui o único que pude ver quando atacaram com as luzes?

- Vejo que é um garoto esperto. Quando uma Amazona pisa aqui, no Castelo da Luz, ela torna-se invisível para as outras pessoas que não possuem olhos mágicos ativados. Provavelmente, você possui o dom para ser um Cavaleiro do Castelo da Luz. Eles têm a função de proteger nosso castelo, são difíceis de serem encontrados.

O garoto, orgulhoso com a notícia, continuou:

- Quem são os Renegados? Escutei uma Amazona falar sobre isso.

- Boa pergunta. Eles são Construtores que seguiram o caminho do mal. Os Construtores são pessoas que nascem com a incrível habilidade de construir incríveis máquinas movidas a vapor. Os Renegados são pessoas que possuem esse talento, mas o utilizam para fazerem maldade.

- Por que eles querem entrar no Castelo?

- Caso consigam a nossa fonte de Luz, poderiam utilizar isso nas invenções deles. Assim, seriam invencíveis.

O garoto tinha algo mais para perguntar.

- Por que há o retrato de um homem naquele enorme salão?

A mulher hesitou em falar por um momento. Os olhos dela encheram-se de lágrimas. Por fim, ela disse:

- Ele foi o mais nobre Cavaleiro do Castelo da Luz.

João continuaria a perguntar a respeito do assunto, porém, Olga interrompeu-o.

- Já fez mais que três perguntas. Continua a refeição. Se precisar de mim, chama o meu nome.

Falou, gentilmente, a mulher.

Depois de terminar a refeição, João tomou banho em uma enorme banheira de porcelana. Ele achava engraçado o fato da areia não se soltar da parede. Podia passar a mão nela, porém, era como outra normal. O material não se desprendia. Para isso, o garoto tinha uma possível explicação: o Castelo da Luz era completamente envolto por magia. Esse era o motivo pelo qual os Renegados queriam invadir o local.

O garoto dormiu em uma cama ao lado da mãe dele. Olhava para a mãezinha, enquanto ela dormia. A respiração da mulher ainda era fraca, mas ele estava feliz porque ela sobrevivia.

João sentia-se em um sonho. Como poderia estar em um lugar tão mágico como aquele?

Enquanto Maria recebia doses de luz, oriundas, principalmente, de Olga, ao decorrer dos dias, a mulher de cabelos curtos gostaria de conversar algo sério com o menino. Ela sabia qual o caminho ele deveria seguir.

- João, eu preciso falar algo muito sério sobre o seu destino.

- Sim, senhorita Olga. Pode falar o que deseja.

- Como tem o dom de ver-nos, tem o destino de ser um Cavaleiro da Luz. Eu irei prepará-lo para isso.

O coração do garoto encheu-se de orgulho novamente. Há pouco tempo era um pobre morador do centro do Rio de Janeiro. Agora, ele será um Cavaleiro do Castelo da Luz.

Entre os intervalos dos afazeres de Olga, ela havia marcado aulas para João. Além de aprender as funções de um Cavaleiro, realizaria o grande sonho de ser alfabetizado em Língua Portuguesa.

A primeira lição seria sobre como utilizar uma espada. No jardim lateral ao Castelo da Luz, Olga esperava-o com duas espadas de madeira em mãos.

Assim que o garoto chegou, ela lançou uma para ele. Empunhados com as armas, a mulher atacou-o. O garoto surpreso, apenas defendeu-se.

- O inimigo não o esperará atacar. Não seja tão gentil quando estiver em luta. Pode perder a vida por isso.

Aquela aula foi difícil para o garoto. Olga atacava-o com vontade. Queria saber o quão esperto seria João para defender-se. Depois da lição, ele foi ao refeitório. Lá encontrou Melina.

- Olá, João! Cansado de sua primeira aula?

- Sim! Senhorita Olga é muito habilidosa. Parecia que realmente queria atacar.

- Ela faz isso para que tenhas um bom preparo. Olga não quer que o mesmo destino de Alberto aconteça contigo.

- Quem é Alberto?

- Nunca viu o retrato de um homem junto ao das outras Amazonas falecidas?

- Sim! Pensando bem, a senhorita Olga não gosta de falar sobre ele.

- Bem, não sei se eu deveria lhe contar...

- Por favor, não falarei nada a ela.

- Alberto era o mais valente Cavaleiro do Castelo da Luz. Olga ainda é a melhor Amazona. Ele guardava o castelo contra as forças dos Renegados. Houve um dia em que fomos atacadas. Os Renegados possuíam armas muito poderosas. Todas as Amazonas não conseguiam lutar mais. Os dois, porém, enfrentaram sozinhos a força inimiga.

Melina parou por um momento. Emocionada, continuou a falar:

- Nós temos uma força especial, a Força Suprema da Luz. Caso usemos isso, qualquer inimigo será vencido, entretanto, pagaremos o preço com nossa própria vida.

O garoto prendeu a respiração e continuou a ouvir atentamente o que Melina falava.

- Olga estava ferida e caída ao chão. Alberto arrastou-a para um local seguro, então, atraiu os inimigos para um pouco longe do local de batalha. Utilizou uma bomba dos Renegados para causar

uma grande explosão. Todos os inimigos foram liquidados, mas ele também morreu durante a explosão. Para que Olga não usasse o poder secreto, Alberto sacrificou a vida dele. Mesmo não estando tão perto, ela viu a morte do Cavaleiro.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Melina, que prosseguiu o enredo:

- Pensávamos que a luz de Olga nunca mais seria a mesma, tão forte quanto era, até que ela salvou tua mãe e a ti.

Agora era o garoto quem chorava.

Alguns dias depois, Olga chegou apressadamente próxima ao garoto e disse:

- Venha comigo!

Puxou o braço dele e começaram a correr pelo Castelo. Ele percebia que iam em direção ao quarto de Maria. João não podia acreditar no que via. A mãe estava assentada na cama e com os olhos abertos.

- João!

Maria falou e o garoto correu para abraçá-la.

- Mãezinha, como eu queria ouvir a tua voz novamente!

Aos prantos, a mãe disse:

- Graças a Deus, poderei continuar a cuidar de ti.

- Sabes onde estamos? Não acreditarás quando eu falar!

Maria sorrindo, disse:

- Olga já contou para mim tudo o que aconteceu.

Olharam para agradecer à Olga, porém, a mulher de pele alva estava mais pálida. Mal conseguia manter-se encostada à parede.

- João, ajuda a Olga!

- Garoto, leva-me para o subsolo.

- Subsolo?!

- Não questiona! Ajuda-me!

O garoto fez o que foi ordenado. Ajudou Olga a apoiar-se em um dos ombros dele. Com dificuldade

para descer as escadas, a mulher foi levada para o subsolo. Ela indicou em qual sala deveriam adentrar.

Entraram em um corredor escuro. No final dele havia uma porta. Ele empurrou-a. Surpreendeu-se. Um vasilhame havia no meio dela. A luz mais brilhante que ele já tinha visto saía do recipiente.

Olga encaminhou-se com dificuldade para a direção do vasilhame. Encostou as mãos na luz. Rapidamente, a saúde dela foi restabelecida.

- Toda a felicidade gerada no mundo produz uma energia tão grande, que nenhum homem pode imaginar o tamanho dessa força. Ela é armazenada no Castelo da Luz. Algumas mulheres, porém, conseguem utilizar a energia ainda dispersa na atmosfera, as Amazonas do Castelo da Luz.

A mulher olhou profundamente nos olhos do garoto e continuou a falar:

- Porém, ao utilizarmos a Luz do Castelo, efeitos colaterais são gerados em nossos corpos.

- Tudo ficará bem contigo?

- Talvez.

Desde o acontecimento na Grande Fonte de Luz, havia passado um ano. Olga treinava diariamente Maria e João. O garoto aprendia a utilizar espada e escudo. A mãe tentava controlar o poder da luz.

Os três praticavam os exercícios diários, quando Melina aproximou-se de Olga e falou:

- Um enorme grupo de Renegados tenta invadir o Castelo!

Com um grande assovio, Olga reuniu um bom grupo de cavalos alados. As Amazonas da Luz montaram em seus animais e partiram para protegerem a fortaleza. Saíram pelo tronco da árvore principal.

- Fiquem aqui! Não estão preparados para a luta!

Ordenou a mulher de cabelos curtos para Maria e João.

O grupo de renegados era de fato grande. Havia, entretanto, três que pareciam ser os líderes. Um homem de cabelos longos loiros, outro de curtos cabelos negros e uma mulher de curtos cabelos ruivos.

As Amazonas atacavam com toda a força que possuíam. Olga era a mais forte entre elas. Nocauteou cinco renegados com uma única emissão de luz.

Parecia que ganhariam a batalha. Atacavam montadas nos cavalos alados. Até que um tanque de guerra, todo coberto por engrenagens, apareceu no meio da Floresta da Tijuca. Dele saía fumaça a vapor e tiros. Muitas Amazonas da Luz foram feridas por ele. Havia uma pequena janela de vidro no automóvel, dela podiam ser vistos os três líderes do ataque inimigo.

As Amazonas pareciam perder as esperanças, a cada membro atacada. Melina foi encurralada. Uma Renegada apontou uma estranha arma para a ruiva. Desesperada, não conseguiu emitir luz. Aquele parecia ser o fim dela. Porém, a inimiga foi atingida por uma espada no ombro. João também estava na luta. Maria ajudava a todos igualmente.

Mesmo com esse fio de esperança que surgia, as Amazonas da Luz não ganhariam a guerra. João já lutava bem. Acertou sozinho cerca de dez inimigos.

A notoriedade do garoto gerou fúria ao inimigo. Ele agora estava encurralado por quinze Renegados. Um deles conseguiu pegar a espada do garoto. Outro apontou uma arma para a cabeça dele. As Amazonas estavam em um número muito menor, pois a maioria delas estava ferida.

Olga não pensou muito. Sabia que aquele era o momento certo. Sozinha, longe do cavalo alado, emitiu a Luz Suprema. Todos os inimigos foram derrubados. A luz da explosão deixou as Amazonas da Luz cegas por um segundo. Em seguida, o corpo morto de Olga caía nas secas folhas da floresta. João corria em direção à mulher morta. Sentia o mesmo que ter perdido a própria mãe.

Os três líderes inimigos aproveitaram a distração para entrarem no Castelo. Mas, ao tocarem na árvore principal, viraram cinza. A vontade de proteger João, que Olga possuía, foi tão grande que criou uma enorme barreira protetora para o local. Os

inimigos que sobraram fugiram às pressas, amedrontados.

O choro do garoto era inconsolável. Ficou junto ao corpo morto de Olga até o funeral. Colocaram-na em uma mesa de madeira no jardim lateral. Vestiram-na com um lindo vestido coberto por flores de verdade. As mãos foram juntadas próximas ao coração. Uma maçã foi colocada entre elas. Uma coroa de flores enfeitava a cabeça. Depois de todos cantarem cânticos de despedida, a mesa foi incendiada com uma pira da luz guardada no Castelo.

João jurava que, naquele momento, era possível ver a imagem de Olga encontrando-se com o Cavaleiro da Luz que ela tanto amou, o mesmo homem que possuía um retrato no salão principal. O garoto sabia que ela estava indo para um local feliz.

A única certeza que João possuía naquele instante é que seguiria o caminho de Cavaleiro do Castelo da Luz. Protegeria Maria, as outras Amazonas da Luz e cumpriria o cargo que Olga havia confiado a ele.

A princesa perdida do Reino do Algarve

Aquele era o ano de 550 d.C. no Reino do Algarve. O rei Augusto II possuía dois filhos: Pedro e Luís. O primeiro era belo, valente, galante, porém havia uma enorme ganância nele em possuir sempre o melhor. Já o segundo era muito tímido e introvertido, mas possuía grande sabedoria. Todas as princesas, inclusive as de reinos distantes, queriam se casar com Pedro. Mas ele estava à espera da mais bela mulher de todas para tomar tal decisão. Próximo àquele reino havia um bosque proibido, contava-se que lá viviam seres mágicos. Certo dia, o filho mais valente do rei decidiu verificar o que tinha naquele local. Montou em seu cavalo e cavalgou até a região esperada. Ao chegar, os olhos dele não podiam acreditar no que viam. Realmente, seres mágicos moravam lá. Unicórnios, centauros, duendes, entre vários outros. Em especial, o que chamou a atenção do rapaz foi uma bela jovem. A beleza dela era tão grande, que ele não conseguia parar de olhá-la.

Entretanto, ela era diferente, pois em suas costas existiam enormes asas.

Aos poucos, Pedro aproximou-se de Manoela, a bela jovem com asas. Ele descobriu que ela era uma fada. Com o tempo, tornou-se amigo dela. Ele tinha a intenção de fazê-la a princesa do reino. Porém como ele faria isso, se os que habitavam Algarve desconheciam esse mundo encantado que ele encontrara? Manoela era de extrema inocência, e nunca percebeu as intenções verdadeiras de seu amigo humano. A proximidade deles era muito forte, e o amor entre os dois foi inevitável. Depois de certo tempo, descobriu-se que ela esperava um bebê. Pedro foi banido para sempre daquele reino mágico, que se chamava Alcoutim, e uma enorme maldição caiu sobre ele. No dia em que o neném nascesse, um terrível ataque aconteceria no Reino do Algarve. Sem esperanças de rever sua amada novamente, ele não contou a ninguém a respeito disso.

O rei estava muito preocupado com a tristeza de Pedro. Quanto mais o tempo passava, mais tristonho o rapaz tornava-se. Eis que os dias da maldição foram se aproximando, o clima ficava nebuloso e

negro. Naquela semana, a chuva não deu trégua. Em especial, naquele dia, tudo parecia mais sombrio do que os últimos. Já era noite quando os trovões começaram. Os portões ao redor do reino foram fechados. As famílias escondiam-se em seus lares. Os cavaleiros estavam a postos. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Mas tinham certeza que algo bom não iria acontecer. O sino da Igreja soava meia-noite. A lua cheia aparecia no céu. Vultos eram vistos nas nuvens. Todos estavam em pânico. Gritos eram escutados de todas as partes.

Pedro dormia, e acordou com um grito enorme vindo do quarto de seu pai. Ele apanhou uma espada e correu para ajudar o velho rei. Ao arrombar a porta dos aposentos, viu uma mulher com pele pálida, olhos vermelhos, dentes pontiagudos e força sobrenatural enforcando seu pai pelo pescoço. Luís também entrou pela porta e viu a mesma cena. Não acreditavam no que viam. Vampiros invadiram o reino. A mulher deu uma enorme gargalhada e disse:

- Vossa alteza realmente imaginou que a profecia não se iria cumprir?

Pedro não podia acreditar que aquilo tudo era verdade. Empunhou a espada em mãos e atacou a vampira. Perfurou a barriga dela, que deixou o velho rei cair ao chão.

- Isso não será o suficiente para matar-me.

- Essa não era a minha intenção.

Nesse instante, Luís cravou uma estaca no peito dela. Antes de tornar-se pó, segurou o pescoço de Pedro e enfiou-lhe a espada na barriga. Ele caiu nos braços do irmão e, antes de morrer, contou brevemente a história.

Pedro fechou os olhos e descansou para sempre. Nesse instante, outra mulher entrou pela janela. Diferentemente da primeira, que era loira, a segunda tinha cabelos negros.

- O que fizeram com a minha irmã?

Gritava a mulher enquanto seus dentes pontiagudos pareciam saltar pela boca.

- Uma nova maldição cairá sobre este reino. O próximo herdeiro do trono será levado por mim ao completar 15 anos.

Depois de falar isso, assoviou de forma longa. O reino estava em caos sendo atacado por vampiros. Com o som emitido pela mulher, todos desapareceram como as sombras da noite. Luís estava muito impressionado. Quando o pai dele acordou, contou o que havia acontecido e o que Pedro disse. Nesse instante, sabiam apenas que deveriam encontrar a criança que nasceu naquela noite e deveriam proteger o próximo herdeiro. Para a população, contaram no dia seguinte que aquela havia sido uma invasão bárbara. Porém, isso não foi o bastante. A lenda sobre o que havia acontecido estava criada. Todos sabiam que havia um herdeiro perdido, e que o próximo membro a nascer na família real estava cercado por uma maldição. No Reino do Algarve o que reinava era a insegurança de que, um dia, a maldição recairia sobre eles. E assim como a primeira vez, muitas pessoas inocentes morreriam.

O ano de 570 d.C. começava, o jovem Edgar estava ansioso com sua nomeação a cavaleiro do rei. Nesse ano, quem reinava as terras de Algarve era Luís III. Augusto II havia morrido há cinco anos, e o seu filho assumiu o trono. O castelo estava decorado para a nomeação dos cavaleiros. Eles eram chamados por Luís III, que os nomeava colocando sua espada em seus ombros. Assim recebiam o tão esperado título. Porém, um dentre eles seria escolhido como o Cavaleiro Leal do Rei. Não foi surpresa essa condecoração ser entregue a Edgar, pois foi o que mais se destacou ao aprender os deveres e valores de um cavaleiro. Ele era o mais valente e leal dentre todos os outros cavaleiros.

Naquele mesmo dia, o rei Luís III conversava com o padre Emílio:

- Padre, estou preocupado com meu filho Miguel. Na próxima semana, ele completará 15 anos.

- Então a lenda sobre a maldição é verdadeira, meu filho?

- Sim, padre. Temo pela vida dele. Estou desesperado, não sei mais o que fazer para protegê-lo.

Nomeei Edgar a Cavaleiro Leal do Rei, porque sei que ele lutará com todas as forças para proteger o príncipe.

- Orai, meu filho. E entregue nas mãos de Deus a segurança do príncipe e a prosperidade de seu reino.

O rei deu ordens ao cavaleiro Edgar para não deixar o príncipe Miguel sozinho em nenhum instante. Ele fez o que lhe foi ordenado, porém, quando a noite chegava, o cavaleiro dormia na porta do quarto do príncipe. Ninguém esperava que alguém escalasse dez metros de altura e entrasse pela janela. No dia do aniversário de Miguel, o reino estava em festa, entretanto, o rei deixou todos os cavaleiros alarmados para qualquer tipo de eventualidade.

Durante o dia, tudo estava calmo, mas quando a noite ameaçou chegar, a chuva caiu. Os moradores da cidade lembravam-se daquela outra noite quase 20 anos atrás. Todos se esconderam em suas casas. O pânico tomava seus corações. Pensavam que aquele pesadelo iria se repetir.

Edgard estava ao lado de fora dos aposentos do príncipe. Do lado de dentro, Miguel olhava para a janela. Um vulto de uma mulher voava em sua direção, fora do castelo. Ela era de extrema beleza. Cabelos negros, pele pálida, dentes pontiagudos. A segunda profecia iria se concretizar. Ela aproximou-se da janela. O príncipe abriu-a. A mulher falou:

- Venha, meu príncipe. Reine comigo. Dê-me sua mão. Seremos felizes para sempre.

Encantado pela beleza dela, deu-lhe a mão. Nesse instante, Edgar adentrou os aposentos, pois havia escutado vozes.

- Príncipe Miguel, não vá. Ela te ilude.

A mulher deu uma enorme gargalhada. Segurou a mão do príncipe e levou-o para longe. Edgard tentou atingi-la com a espada dele. Ela olhou para o cavaleiro, tirou de perto da cintura dela uma adaga de três pontas e arremessou contra ele. Acertou-lhe o braço. O cavaleiro atingido nada pode fazer e ela levou o príncipe.

Ainda sangrando, Edgar procurou o rei e contou a ele o que havia acontecido. Os outros cavaleiros informaram que ninguém no reino havia sido atacado, somente o príncipe foi levado. O rei não se conformava com o que aconteceu. Imediatamente, chamou o padre Emílio. O rei e o padre possuíam um plano para resgatar o príncipe. Mas para isso, deveriam pedir a ajuda da verdadeira herdeira do trono.

Logo de manhã, os três saíram a cavalo pelo bosque. Edgar não possuía grandes informações sobre a missão, porém tinha certeza que aquilo ajudaria a trazer o príncipe novamente. Cavalgaram até chegar a um local, aonde deixaram os cavalos seguros às árvores. Luís III andou vagarosamente para frente e pediu que os outros dois não se mexessem. Nesse momento, um enorme centauro apareceu e perguntou:

- O que traz o rei dos humanos ao nosso reino?
- Aljezur, nobre centauro, venho até aqui para falar com a princesa Amélia. Precisamos da ajuda dela. A maldição recaiu sobre nós.

- Vem até aqui somente quando precisa de ajuda. Não recorda de todo o mal que seu irmão trouxe para nós?

- Recordo-me, mas a vida de meu filho está em jogo. Pago o preço que for necessário para salvá-lo, até mesmo a minha própria vida, se for necessário.

- Vejo seu belo coração, sendo assim, concedo que entre em nosso reino para conversar com a princesa Amélia.

Luís III acenou para o padre e o cavaleiro. Eles seguiram o centauro que bateu em um tronco de uma árvore pela qual entraram. O lugar era de extrema beleza, aquele era um mundo mágico. Alcoutim não mudou muito desde que Pedro esteve lá. Porém, as fadas não habitavam mais aquele lugar. Um unicórnio veio ao encontro dos visitantes, e disse:

- Luís III do Reino do Algarve, seja bem-vindo a Alcoutim.

- Rei Monóceros dos unicórnios, é uma grande honra estar em sua presença. Estes são meu fiel escudeiro e o padre aconselhador.

- Todos que têm bom coração são bem-vindos ao Reino do Alcoutim. A princesa Amélia já foi avisada que a aguardam.

Edgar entendia que a lenda sobre a família real de seu reino era verdadeira. Não entendia ao certo como a princesa Amélia poderia encontrar o filho de Pedro para seguirem a missão. A bela princesa aproximava-se dos forasteiros. Edgar impressionou-se com a beleza dela.

- Rei Luís III, o que aconteceu para que recebêssemos visita tão inesperada?

- Princesa Amélia, a segunda maldição foi concretizada.

Ela espantou-se e disse:

- Então é chegada a hora de partirmos?

Edgar interrompeu a conversa e protestou:

- Jovem princesa de tanta beleza não poderá ir conosco. Seria muito arriscado.

- Ora, ela é a filha de Pedro e Manoela. A verdadeira herdeira e a única que pode salvar o príncipe Miguel.

Disse o padre, impacientemente.

- Também não desejo que ela vá.

Falou Aljezur.

- Todos nós sentiremos muito que ela vá, mas isso é necessário.

Argumentou, Monóceros.

- Se assim for necessário, protegerei a princesa com a minha vida.

Disse o nobre cavaleiro.

- Sou grata por sua valentia, nobre cavaleiro. Espero não precisar do sacrifício de sua vida.

- Cavaleiro, acompanhe a princesa pelo nosso reino. Ela precisa fazer as malas da viagem.

Disse o unicórnio.

Os dois jovens saíram a caminhar pelo reino. Lá existiam casas pequeninas, onde os duendes moravam. Casas maiores habitadas pelos centauros e pequenos pastos cobertos para o descanso dos unicórnios. Os lares das fadas eram quase desabitados agora, a única pessoa que ainda restara por lá era a princesa Amélia.

- Essas casas eram habitadas pelas fadas, antes do que ocasionou o meu nascimento. Como sou metade humana, elas não me puderam levar para o refúgio delas. Como vê, não possuo asas, esse é um motivo de desgosto para elas. Cresci aqui, os centauros e unicórnios sempre zelaram por mim. E ajudaram-me a controlar alguns dos poderes que herdei das fadas.

- E o que aconteceu com sua mãe?

- Infelizmente, a dor ao ter um filho com um humano é muito grande, durante o parto, ela não resistiu e faleceu.

- Desculpa-me pela infortuna pergunta, eu sinto muito por isso.

- Não há problemas, nobre cavaleiro. Agora trabalharemos juntos para resgatar o príncipe Miguel.

Os dois continuaram a andar, até pararem em frente a uma casa pequenininha dos duendes. A Princesa Amélia bateu vagorosamente à porta miúda.

- Princesa Amélia, que honra recebê-la aqui!

- Olá Arak, preciso que me ajude com algo que seja precioso em situação de troca.

- Não me diga que a hora de partir chegou?

- Sim, querido amigo. Diga-me o preço que cobrará e lhe pagarei.

- O preço será que retorne com vida, princesa Amélia.

O duende retirou do bolso uma pedra muito brilhante e disse:

- Essa é a mais bela pedra de jade. Será útil em caso de trocas na sua missão. Por favor, princesa, volte viva. Em situações de perigo não leva em consideração a lenda sobre suas possíveis asas.

- Eu acredito na lenda, pequenino amigo. Filha de fada e humano nasce sem asas. Mas quando, em um ato de bravura for necessário, elas nascerão.

- Lembre-se, querida princesa, o preço dessa joia é que volte ainda viva.

- Não se preocupe, pequeno amigo, voltarei com vida para reinar por muitos anos em Alcoutim.

Ainda sorrindo, a princesa acenou para que o cavaleiro a acompanhasse. Foram até as velhas casas das fadas e ela apanhou objetos, amuletos e alguns livros. Até que se juntaram ao rei Luís III e os outros, que discutiam sobre o plano de resgate ao príncipe Miguel.

- O príncipe Miguel certamente foi levado ao castelo de Anastácia.

Falou Aljezur.

- A única pessoa que pode levá-los para dentro do castelo é a princesa Amélia.

Argumentou, Monóceros.

- Por que somente a princesa pode fazer tal coisa?

Pergunto o cavaleiro.

- Ela herdou o poder dos portais que as fadas possuem.

Respondeu o unicórnio.

- Mas, para fazer isso, ela precisa estar próxima do castelo. E para chegar perto dele só há uma maneira. Terão que ser transportados por um dragão.

Disse o rei Luís III.

- E não é somente isso. Precisarão da ajuda de um lobo da Alcateia do Vale do Oeste e da Sereia das Águas do Sul.

Falou o Padre Emílio.

- O que pediremos exatamente a eles?

Perguntou a princesa Amélia.

Arak que ia se juntando ao grupo, respondeu:

- Ao dragão devem pedir que os conduzam para perto do castelo. O lobo ajudará a infiltrarem-se com mais facilidade no covil dos vampiros. As sereias lhe

darão a Joia Proibida para que o lobo não seja dominado pelas forças das trevas. Mas não pensem que será fácil conseguir a ajuda deles.

- Essa missão será muito ariscada, quanto menor o número de integrantes do grupo, mais demorado os vampiros saberão que estão por perto. Por isso, o nobre cavaleiro encarrega-se de proteger a princesa, por sua vez, ela terá a função de abrir o portal para que entrem no castelo e o padre matará a rainha Anastácia dos vampiros. Pelas características ditas, ela foi a responsável pelo sequestro do príncipe.

Explicou Monóceros.

Já era quase meio-dia e Edgar foi enviado juntamente com Amélia ao Reino do Algarve. Ele deveria preparar a armadura, espada e demais equipamentos que seriam necessários durante a missão. A vila estava tumultuada e barulhenta, devido ao sequestro do príncipe. Eles tentaram chamar a menor atenção possível, para que falsos alarmes não fossem criados. Por esse motivo, a princesa utilizou uma capa preta com capuz.

Entraram em uma casa velha, com duas janelas e paredes amareladas. Ao entrarem, Edgar retirou parte da armadura e Amélia percebeu que havia ainda uma ferida no braço dele. Ela encostou a mão no braço dele, uma enorme onda de luz foi emitida. O braço estava curado.

- Esse é um dos poderes que herdei das fadas.
- Serei eternamente grato à Vossa Alteza Real.

Uma velha mulher adentrou a sala. Olhou fixamente para Amélia e disse:

- Que bela moça traz até aqui, meu filho!
- Mãe, esta é uma amiga que ajudará durante o resgate do príncipe. Não posso me perdoar pelo o que ocorreu.
- Não se martirize tanto. Sabemos que a culpa do sequestro do príncipe e de seu pai ter falecido não foi sua.

A princesa olhou consoladoramente para ele. Com os olhos abaixados, o cavaleiro explicou:

- Durante o incidente há 20 anos, meu pai tentou nos proteger durante o ataque. Eu era muito pequenino, ele havia fechado todas as janelas. Porém, uma bela mulher chamou-me pelo lado de fora, e eu abri-a. Pelas características, reconheço que era Anastácia. Com uma risada maligna, estraçalhou o pescoço do meu pai. Parou somente quando viu sua irmã em apuros no castelo.

- Sinto muito pelo o que aconteceu. Juntos iremos acabar com os planos malignos dela e salvar o príncipe Miguel.

- Espero que ele ainda esteja vivo e não tenha sido transformado em um deles.

- Chega de conversas tristes. Almoçem conosco!

Todos se sentaram à mesa. Mais duas crianças juntaram-se ao grupo. Depois de deliciarem a refeição, Edgar apanhou sua melhor armadura, espada e escudo. Ele despediu-se da família e partiu juntamente com a princesa.

Ao chegarem ao Reino do Alcoutim, os outros já os esperavam. Sabiam que aquela não seria uma missão fácil.

- Tenha cuidado, princesa.

Disse o pequenino Arak.

-Cuide bem dela, cavaleiro.

Impôs Aljezur.

Todos os outros também desejaram boa sorte ao grupo que iria partir. Ajudaram que colocassem as bagagens em bolsas ao lado dos cavalos. Em um lado iria o padre e no outro, Amélia e Edgar. Partiram no começo da noite, cavalgariam até o amanhecer. Não era conveniente chegarem antes de estar claro aos Rochedos dos Dragões.

-Devemos ter cautela aos falarmos com os dragões.

Disse Amélia, descendo do cavalo.

Edgar rapidamente empunhou o escudo e a espada. Do céu desceu um enorme dragão soltando fogo pela boca. A princesa e o padre esconderam-se atrás de uma árvore. O cavaleiro valente

enfrentou-o. Com um sorriso malicioso, a grande fera disse:

- Não me conseguirá derrotar apenas com isso, nobre cavaleiro.

O dragão abriu suas enormes asas e, mais uma vez, cuspiu fogo. O cavaleiro protegeu-se com o escudo e, em seguida, atacou o animal. Subiu em cima de um rochedo e tentou ferir o dragão ao lado. Não conseguiu, o grande ser voou e cuspiu fogo do alto.

- Prepotente como todos os humanos que se julgam os reis da sabedoria.

Gritou o grande dragão. Desceu de forma rasante e apanhou o cavaleiro com as patas. Levou-o para bem longe, no alto dos rochedos. De lá, deu um grande rugido.

- Precisamos ir atrás

deles. Disse Amélia.

Ela e o padre imediatamente montaram em seus cavalos que haviam corrido um pouco para longe. Cavalgaram até certo ponto, depois os rochedos

eram muito íngremes e teriam que continuar o trajeto a pé. Ao chegarem ao alto da montanha rochosa, foram recebidos por um grupo de dragões.

- O humano lutará com o nosso rei. Se ele ganhar poderá partir, mas se perder a morte será a única alternativa para ele.

Disse um dos dragões.

A princesa Amélia e o padre Emílio viam um círculo no qual Edgar era o centro das atenções. O enorme dragão que havia o atacado anteriormente preparava-se para a luta. Todos os outros dragões gritavam o nome dele. Enoque, Enoque, Enoque!

Um barulho soou e a partida estava anunciada. O nobre cavaleiro atacou o dragão, que por vez mostrou-lhe seus enormes dentes após expelir fogo. A batalha foi emocionante. Ensanguentado e queimado, o cavaleiro não iria desistir. Enoque também estava cansado, mas o orgulhoso dragão também não iria perder. Visto que a luta não acabaria tão fácil, a fera disse:

- Diga-me o que viestes fazer aqui, lhe concedo o pedido se em troca dar-me o coração da bela jovem.

- Prefiro lutar até a morte que fazer tal atrocidade.

- Vejo que tem um belo coração, jovem cavaleiro. Oferecer a vida em troca do coração da jovem é uma grande prova de bondade. Isso não será necessário. Considere a batalha por hora encerrada e diga-me o que queres e falarei meu preço.

Com os ânimos mais calmos, a princesa, o cavaleiro e o padre disseram ao Enoque o que faziam ali. Depois de escutar atentamente, ele disse:

- Levá-los-ei até próximo do castelo de Anastácia, mas em troca, quero o Olho de Dragão que ela usa para ver além das fortalezas do reino dela.

- Concordamos com o seu preço, Enoque, rei dos dragões.

Disse Amélia.

- Deixem seus cavalos aqui. Os dragões tomarão conta deles até voltarmos. A partir daqui será mais rápido se eu os transportar.

Fizeram o que o Rei Dragão disse. Edgar não se sentiu bem em ser um cavaleiro sem cavalo. Era visível a tristeza em seus olhos.

- Tem um belo coração, jovem cavaleiro. Eu já lhe disse isso. Pense que agora não será mais um cavaleiro de cavalos, mas um nobre cavaleiro de dragões. Seu pai se orgulhará muito disso. Poucos são os que possuem esse título.

Com o coração enaltecido, o cavaleiro assentou-se próximo a cabeça do dragão, enquanto a princesa e o padre assentaram-se próximos às asas. Aquela seria a primeira viagem em dragão de todos os integrantes do grupo. A sensação de voar com o enorme ser foi magnífica. Ver tudo tão pequeno lá em baixo e sentir-se tão grande e poderoso como um dragão era algo indescritível para eles.

Ao meio-dia, pararam e comeram um pouco da comida levada da terra dos dragões. Frangos cozidos e alguns frutos. Os dragões prepararam especialmente esses alimentos devido ao grupo de humanos. Depois de cearem, continuaram a viagem

rumo ao oeste. Lá iriam se encontrar com a Alcateia do Vale do Oeste.

Os lobos daquele bando eram independentes e renegados. Não aceitavam estar sob o domínio dos vampiros. O grupo, agora também integrado por um dragão, pensava que seria mais fácil convencer a um lobo entrar para a missão.

Desceram do céu de forma imponente. Os lobos ariscos rodearam-nos, o chefe do bando logo perguntou:

- O que fazem aqui?

-Viemos pedir ajuda.

Disse a princesa.

-Não estamos interessados em ajudar ninguém.

Respondeu o lobo, virando as costas.

- Precisamos de ajuda para derrotar a rainha Anastácia.

O lobo imediatamente voltou seu olhar para a princesa.

- Diga-me o que exatamente pensam em fazer.

Novamente tudo foi explicado. O lobo olhou, parou, pensou e respondeu:

- Ajudarei desde que libertem os lobos que estão sob o domínio dela.

-O seu preço é aceito.

Falou a princesa.

Já era quase noite. Decidiram descansar antes de prosseguir viagem. Além disso, precisavam fazer uma espécie de assento para que o lobo pudesse viajar também através do dragão.

O lobo chefe do bando chamava-se Nero. Muito autoritário, ordenou que o cavaleiro e a princesa fossem ao bosque obter folhas e galhos para fazerem o assento para ele. Ao chegarem ao local aonde recolheriam o material, Edgar disse:

- Princesa, tem algo que desejo lhe dizer.

- Diga, cavaleiro.

- Queria saber se após a missão...

A fala dele foi interrompida. Um bando de minotauros aproximava-se deles. O cavaleiro estava desarmado. Rapidamente, pegou uma pedra, mas isso não foi o suficiente. O bando raptou a princesa. Edgar voltou sem fôlego à alcateia. Disse o que havia acontecido. O bando de lobos saiu em corrida pela floresta. O dragão e o cavaleiro seguiram-nos.

Chegaram próximos a uma caverna. Os lobos uivavam e chamavam por Tauros, o líder dos minotauros. Ele aproximou-se, Nero atacou-o no pescoço. O minotauro arremessou-o para longe. O lobo levantou novamente, ficaram entreolhando-se, andando em círculo. O golpe foi certo, o lobo atacou o focinho de Tauros. Ele gemeu e caiu sangrando ao chão. Nero disse:

- Nunca mais ataque a princesa! Estamos entendidos?!

O grupo e os lobos retornaram para local que descansavam. Comeram, fizeram o assento e descansaram. Ao amanhecer, viajariam rumo ao sul. Esta seria a parte mais difícil. Convencer as belas e soberbas sereias.

Os raios da manhã já se mostravam para o mundo quando o grupo partiu. Era visível a emoção de Nero ao voar pela primeira vez. Ele estava muito empolgado, ocasionalmente dava pequenos uivos de animação. Sobrevoavam a praia, pousaram calmamente.

A areia era branquíssima, a água azul e cristalina, as ondas batiam forte na costa. Em rochedos próximos dali estavam as sereias. Lindas, soberanas, destemidas não se importaram com a aproximação da princesa e do cavaleiro. Sorriram ao verem os humanos tão próximos. A mais bela delas perguntou:

- O que um jovem tão belo faz aqui?

Ainda envergonhado, o cavaleiro respondeu:

- Precisamos que nos dê a Joia Proibida para vencermos a rainha Anastácia.

- Ora, ora. Acha que é simples assim? O que ganharei em troca?

- O que quiser ganhar lhe trarei.

- Vejamos o que eu preciso? Beleza já possuo, riqueza também, poderes tenho sobrando.

Analisando o jovem cavaleiro, a sereia continuou:

- Quero que venha ser meu.

Disse a sereia, apontando para Edgar.

- Mas se ele for, levá-lo-á para as profundezas do oceano, ele morrerá.

Argumentou a princesa.

-Exatamente isso é o que quero. A vida dele.

- Esse preço é muito alto, não o entregaremos!

- Então o acordo não será feito.

- Princesa, darei a minha vida para que Anastácia seja destruída.

Com os olhos ainda em lágrimas, a princesa abraçou o cavaleiro e disse:

- Por favor, não faça isso. Encontraremos outra maneira.

- Humanos são tão apegados aos sentimentos.

Falou a sereia enquanto ria.

Nesse momento, a princesa Amélia teve uma brilhante ideia. Lembrara-se da pedra de jade dada por Arak a ela. Tirou-a do bolso e falou:

- Sereia, não possui as mais belas riquezas. Eu tenho a mais bela pedra de jade que era guardada pelos duendes. Troco a pedra pela vida do cavaleiro.

- Não me chama de sereia. Eu sou Alicia, a rainha de todas as outras.

Quando Alicia colocou os olhos na pedra disse sem pensar:

- Essa realmente é a mais bela pedra de jade que já vi. Com ela, serei a mais rica e bela rainha. Aceito o acordo. Lhes darei a Joia Proibida em troca da pedra de jade.

Com o acordo feito, Nero poderia se infiltrar entre os lobos dominados por Anastácia sem sucumbir-se à força do mal.

Após o almoço, partiram imediatamente para a floresta próxima ao castelo de Anastácia. Viajariam o

restante do dia e durante a noite. Seria mais prudente invadir o castelo ainda com os raios de sol do lado de fora.

- Posso chegar somente até este ponto. Daqui a diante, os vampiros podem detectar minha presença.

Disse Enoque.

- Aqui já é um bom local, consigo abrir o portal para invadirmos o castelo.

Falou a princesa.

- Antes, princesa, precisa usar seus poderes para mudar a minha aparência. Assim poderei me infiltrar juntamente com os outros lobos.

Lembrou Nero.

O padre Emílio parecia muito nervoso, diferentemente de Edgar.

- Padre, não fica preocupado. Proteger-lhe-ei para que possa destruir Anastácia.

- Que Deus abençoe nossa missão, meu filho!

Certa quantidade de sangue começou a sair pelo nariz da princesa Amélia, ao fazer o encanto de transformação do lobo. Ela tentou esconder o que estava acontecendo. Porém, Nero percebeu:

- Princesa, o que está acontecendo?

- Nero, não conta a ninguém. Esse é um dos efeitos colaterais por eu usar o poder das fadas demasiadamente. Meu corpo também é metade humano, não posso usar plenamente os poderes que herdei sem que haja consequências.

O lobo havia partido, provavelmente, já havia se infiltrado com a alcateia do castelo. O dragão estava a postos, para qualquer sinal suspeito poder atacar o covil dos vampiros. A princesa havia se preparado. Fez um círculo no chão, dentro dele estavam também o padre e o cavaleiro. Com um sinal de mãos, uma enorme luz surgiu. A transição fora perfeita. Agora estavam dentro do castelo.

Pelo que parecia, os vampiros não estavam acordados. Deviam estar em seus caixões, repousando. Tudo o que tinham que fazer era encontrar o Olho de Dragão para Enoque e destruir

a rainha Anastácia. Caso ela tivesse transformado o príncipe em um deles, isso quebraria a maldição.

Pensaram que o quarto dela estaria na mais alta torre do castelo e direcionaram-se para lá. Corriam pelos enormes salões do palácio, subiam as escadas e tentavam não fazer barulho. A expressão do padre era desesperadora. O pânico tomava conta dele. Ao virarem um corredor, acharam a porta do possível quarto de Anastácia. Tocaram a fechadura, que se abriu. Entraram pé ante pé. O caixão estava entreaberto em cima de uma mesa. Emílio, mais à frente do grupo, aproximava-se com uma estaca na mão. Atrás deles, surgiu uma voz:

- Não acharam que seria realmente fácil destruir-me?!

Disse Anastácia, dando uma enorme gargalhada.

Edgar empunhou sua espada e atacou a vampira. Outros vampiros também surgiram no aposento. Ordenados por Anastácia, prenderam o grupo invasor e amarraram-nos. A rainha falou:

- Falem para o nosso hóspede vir e olhar quem são as visitas dele.

Instantes depois, príncipe Miguel apareceu. Os olhos da princesa Amélia brilharam. Ela estava feliz por ele não ter sido transformado ainda.

- Miguel!

Gritou a princesa.

Ele correu ao encontro dela e abraçou-a.

- Eu já soube toda a verdade, minha princesa.

- Que belo encontro de família! Mas esta noite tudo acabará. Eu estava a sua espera, princesa das fadas. Beberei do teu sangue, assim terei o dobro dos meus poderes. Serei invencível, a maior vampira de todas. Para ser ainda mais doloroso, transformarei Miguel em meu príncipe na sua frente.

Anastácia terminou a fala com uma enorme gargalhada.

-Nunca deixarei que faça isso!

Esbravejou o cavaleiro.

- Ora, ora, se não é o nobre cavaleiro. Tenho uma função especial que lhe agradará. Também será meu súdito. Enquanto ao padre, terá o mesmo destino da princesa.

Os três prisioneiros e o príncipe ficaram trancados no quarto. Ficariam lá até o ritual que aconteceria de noite. A porta estava trancada e eles estavam amarrados. O príncipe falou:

- Na noite em que a maldição caiu sobre o Reino do Algarve, aquilo aconteceu porque quando a princesa nasceu houve uma desestabilização no mundo mágico. Esse foi o único motivo pelo qual os vampiros entraram no reino sem serem convidados. Se Anastácia realizar seu plano maligno, ela será invencível. Todos os reinos estarão em apuros.

Quando terminava de dizer isso, a maçaneta da porta começou a rodar. Nero entrou pela porta e todos ficaram extremamente alegres.

- Foi difícil conseguir roubar a chave da porta e ter que a destrancar com a boca.

Disse o lobo que mordia as coradas que amarravam os prisioneiros.

Depois de todos estarem soltos, a princesa falou:

- Já é noite, estamos fracos e cansados, mas não podemos esperar que os vampiros encontrem-nos primeiro. Nero, sabe aonde será o ritual?

- Ele acontecerá do lado de fora dessa torre. Aqui mesmo, na parte de cima.

- Dividir-nos-emos em dois grupos. O padre Emílio e Nero irão atrás do Olho do Dragão. Edgar e eu destruiremos a rainha.

- Quanto a mim?

Perguntou o príncipe.

- Se até a meia-noite não retornarmos, Enoque virá nos buscar. Na pior das hipóteses, se não vivermos, volte para o reino, meu príncipe.

- Não posso os deixar aqui!

- Ninguém quer que isso aconteça, mas, se for preciso, fuja.

Não havia mais tempo para conversas. Edgar e Amélia saíam pela janela, subiram o telhado e atacariam de surpresa os vampiros do lado de fora. Enquanto isso, Nero e Emílio procurariam o Olho de Dragão pelo castelo.

O plano estava feito, o cavaleiro e a princesa já estavam em cima do telhado. De lá viam os vampiros rirem e comemorarem. Havia uma espada que seria usada para a morte de Amélia. Nero investigara com os outros lobos onde estaria o Olho de Dragão. Disseram a ele, que estaria na torre oposta, no quarto que havia sido de Minerva, irmã morta de Anastácia. Ele e o padre encaminhavam-se para lá.

A hora já era chegada. Edgar e Amélia pularam do telhado, surpreendendo os vampiros. Eles atacaram-nos. O cavaleiro lutou bravamente acertando o coração de todos os que se aproximavam. A princesa correu em direção de Anastácia, iria cravar a estaca no coração dela. Foi surpreendida por outro vampiro que a arremessou para longe. Ele foi à direção dela. Iria matá-la, porém, atrás do ser

maléfico, surgiu o príncipe que havia pegado a espada de Anastácia e matou-o.

A luta continuava, Amélia destruiu alguns vampiros com a estaca. O cavaleiro e o príncipe lutavam bravamente lado a lado. Vampiros apareciam e eles acertavam-nos o coração. Tudo parecia estar ganho até que Anastácia segurou de surpresa Miguel pelo pescoço.

- Seja meu príncipe ou jogá-lo-ei para baixo do castelo.

Ele estava encurralado, conseguiu-se soltar da rainha. Porém, devido a sua força sobrenatural, ela conseguiu tomar a espada dele. Ele viu-se encurralado por ela.

- Prefiro morrer a ser das trevas.

Disse o príncipe que pulou do castelo.

- Miguel!

Gritou desesperadamente a princesa Amélia que não hesitou em atirar-se também do castelo para salvá-lo.

Antes de tocar o solo, o príncipe não acreditava no que havia acontecido. Belas asas surgiram nas costas da princesa, rasgando a parte de trás do vestido dela. Ela segurou-o e levou-o para o topo do castelo novamente. A lenda tornara-se realidade. A parte herdada das fadas havia se sobreposto ao restante humano da princesa.

Nos olhos de Amélia havia fogo. Ela pegou a espada de Edgar. Foi em direção a Anastácia que também empunhou sua arma. As duas duelaram bravamente. O tilintar das espadas era impressionante. Anastácia caiu ao chão, levantou e segurou a princesa pelo pescoço, nesse instante, Amélia enfiou a espada no coração da rainha. A vampira transformou-se em pó, todo o mal estava acabado.

Ouviu-se um uivo que vinha do outro lado do castelo. Via-se de longe que o fogo começava a tomar conta do local. O grupo corria pelo enorme castelo. iam ajudar o padre e o lobo. Quanto mais andavam, mais as chamas alastravam-se. Vampiros queimando no fogo era a cena que os olhos deles viam. Entraram na sala aonde encontraram Emílio

com uma tora caída sobre a perna, sem poder andar. Nero estava ensanguentado, havia lutado sozinho com muitos seres das trevas.

Edgar heroicamente enfrentou o fogo e retirou o padre do local. Miguel carregou o lobo para fora da sala também. O grupo fugiu pela porta da frente, antes de saírem um bando de vampiros tentou atacá-los ainda na porta do castelo. Enoque já os esperava, e com um único assopro de fogo, matou os que queriam fazer mal.

A princesa, o cavaleiro, o príncipe, o padre e o lobo fugiram voando nas asas do dragão. Quando já não corriam mais perigo, pararam para descansar. A princesa usou suas últimas energias para, através de seu poder, estancar a hemorragia do padre. Ele, infelizmente, havia perdido parte da perna durante o incêndio. Após isso, ela desmaiou.

Ela acordou com o dia já claro, os outros integrantes do grupo estavam comendo frutos que apanharam das árvores. Emílio entregou ao Enoque o Olho de Dragão. Através desse objeto, os vampiros vieram além dos muros do castelo. Ao uivar, Nero deu sinal

para que os outros lobos fugissem do castelo. A alcateia dominada pelos seres das trevas agora era livre.

Todos estavam entusiasmados e felizes. Finalmente, o mal havia acabado. De fato, sabiam que alguns vampiros poderiam ter escapado. Mas, pelo menos, por hora, ameaças não havia a seus reinos.

Despediram-se do lobo, depois do dragão. Seguiram a cavalo para Alcoutim. Chegando lá, foram recebidos com alegria. Monóceros, Aljezur, Arak e Luís III comemoraram mais ainda a chegada do grupo.

- Minha princesa, reine comigo em Algarve. Casa-te comigo.

Disse o príncipe Miguel.

- Desculpa-me, meu príncipe, não posso governar um reino de humanos, já que possuo essas enormes asas. Devo ficar com meu povo, os seres mágicos precisam de mim.

- Isso não será problema, todos entenderão.

- Prefiro reinar aqui, e se Edgar aceitar, quero que seja o príncipe de Alcoutim.

Ao dizer isso, o cavaleiro abraçou a princesa e aceitou o pedido dela. Miguel não se sentiu chateado, depois de um tempo, encontrou uma bela e generosa princesa para Algarve. Durante muitas épocas, os reinos viveram em paz e com alegria.

Os Piratas de Vila Velha

Vila Velha já era um importante lugar naquela época. A cidade praiana pertence atualmente ao estado do Espírito Santo. 1780, vários fazendeiros dominavam a região. Produziam muitos tipos de alimentos, principalmente, a cana-de-açúcar. As plantações eram movidas pela mão de obra escrava.

Na praia da Costa, perto da pedra da Sereia, havia um farol. Ele era cuidado há gerações pela família Alves. De pai para filho, os ensinamentos sobre como sinalizar corretamente eram transmitidos.

Fausto era o patriarca daquela geração. Possuía três filhos: Patrício, Verônica e Albertina. Casado com Ivete, a esposa e mãe estava muito doente e acamada. A família morava no farol. A enorme construção tinha quartos, salões e cozinha. No topo, iluminavam um enorme espelho com velas, assim indicavam o caminho correto para quem navegava.

Uma antiga história, entretanto, cercava aquele lugar. Diziam que havia um mapa secreto escondido no farol. Quem o encontrasse, teria acesso ao maior

tesouro em terras brasileiras. Algumas pessoas falavam que o mapa indicava o local da fortuna como sendo o Convento da Penha. Era próximo dali, mas ninguém sabia se existiam o mapa e o tesouro prometido.

Verônica, Albertina e Patrício possuíam bom treinamento como espadachins. Poderiam haver pessoas interessadas em invadir o farol com a esperança de encontrar o mapa do tesouro.

A filha mais velha, Verônica, tinha a pele negra. Possuía longos cabelos cacheados e negros. Albertina era dois anos mais nova que a primeira. As duas eram muito parecidas fisicamente. Já Patrício tinha a pele muito alva, cabelos negros e lisos. Além disso, o rapaz era bem alto para a idade dele. As moças pareciam com a mãe e o moço com o pai.

Naquela tarde chuvosa de outono, o céu estava púrpuro. Raios caíam a todo instante. Verônica e Albertina estavam sinalizando o farol com velas. Podia haver algum navegante perdido nas violentas ondas do mar.

Albertina olhava com uma luneta para o oceano. Via que uma enorme embarcação aproximava-se do porto. Olhando mais fixamente, percebeu que outros dois navios acompanhavam o primeiro. Será que eles estariam perdidos? A moça questionou-se. Ela começou a pensar que algo estava errado. As embarcações não pareciam perdidas.

- Verônica, embarcações estranhas aproximam-se do porto!

- Deixa-me ver!

Verônica também observou o mesmo que a irmã.

- Albertina, precisamos avisar ao pai e Patrício. E também pegarmos nossas espadas.

- Então, realmente é um ataque inimigo?

- Pela forma e condições em que navegam, parece que sim!

As duas correram pelas escadarias abaixo. Bateram na porta do quarto de Patrício. Ninguém respondeu. Abriram-na. O rapaz não estava lá. Foram ao quarto

do pai. Somente a mãe acamada dormia calmamente em meio à tempestade.

Apressadamente, pegaram as espadas delas no quarto das moças. Verônica disse:

- Toca o sino para que os moradores do vilarejo saibam que o perigo aproxima-se.

- E para onde tu vais?

- Alguém precisa vigiar o farol. Se esse lugar for dominado, perderemos o controle do vilarejo.

Albertina vestiu uma capa, empunhou a espada e saiu pela chuva em direção ao vilarejo. Tocaria o sino. Assim, a população saberia que algo ameaçador está próximo.

Verônica, enquanto isso, ficou próxima à porta que dava acesso à entrada do farol. Estava disposta a parar qualquer um que tentasse invadir o lugar.

Albertina corria em meio à tempestade. A chuva estava densa. Os raios não paravam de cair do púrpuro céu. Finalmente, chegou à entrada do

vilarejo. Avistou o sino. Tocou-o. Olhos curiosos apareciam às janelas. Ela gritava:

- Preparem-se para possível ataque inimigo!

Sumiu na neblina e correu de volta para o farol. Corria o mais rapidamente que podia. Não poderia deixar a irmã sozinha a enfrentar o inimigo.

Ao chegar ao farol, Verônica não estava mais à porta. O que havia acontecido com a moça? A irmã não hesitou em adentrar a construção. Barulhos vinham do porão. Ela desceu rapidamente as escadas. Não acreditava no que via. Verônica lutava contra Patrício e Fausto.

- Parem! Por que lutam?

- O nosso pai e nosso irmão são os líderes dos navios inimigos!

Albertina imediatamente empunhou a espada e atacou o irmão. Agora a batalha estava equilibrada. Com uma mão na cintura e outra segurando o armamento, o tilintar das espadas eram as únicas coisas que podiam ser ouvidas.

-Eles querem o mapa do
tesouro!

Falou Verônica.

-Mas nós já o destruímos.

Argumentou a outra irmã.

Neste momento, os dois homens pararam de lutar.
Fausto esbravejou:

- Então, todo esse tempo tu sabias em qual
lugar está o tesouro?!

-Nós queimamo-lo sem saber a localização.

Disse Albertina.

-Como sabias que ele era o mapa do
tesouro?

Perguntou o irmão.

-Estava escrito no envelope.

Falou rapidamente Verônica.

- Devemos levá-los para a cadeia, Verônica.

- Isso é o correto a ser feito.

- Nunca conseguirão! Nossos homens já devem ter invadido o vilarejo!

Disse alegremente Fausto.

Albertina atacou o pai. Ele bloqueou o golpe dela. Verônica fez o mesmo com o irmão. A luta retornava. Aquilo parecia que não teria fim. Verônica atacava, o irmão bloqueava. As espadas ficavam travadas. Os quatro possuíam a mesma força e habilidade. As irmãs preocupavam-se com a população do vilarejo. O que aconteceria com as pessoas que ali viviam?

Os pares foram trocados. Patrício foi desarmado por Albertina. A moça juntou todas as forças que possuía e certeira mente golpeou o irmão. Porém, Fausto fez o mesmo com Verônica. O homem mais velho falou:

- Solta Patrício que liberto Verônica!

- Ela é tua filha, não acredito que farás algo contra ela!

Aos prantos, Albertina libertou o irmão. Pai e filho fugiram em meio à escuridão. As irmãs correram atrás dos dois, mas não conseguiram alcançá-los.

Chegaram à entrada do farol. Agora restaria apenas ajudar a população local. Correram em direção ao vilarejo.

A situação era caótica. Mulheres e crianças correndo. Homens lutando contra os inimigos. As irmãs lutavam bravamente. Derrubaram cerca de trinta homens. Do alto da montanha, ouvia-se um sino. Os inimigos haviam invadido o Convento da Penha. Os invasores começaram a retirar-se do vilarejo. Ou conseguiram o que desejavam, ou descobriram que o possível local da lenda era falso.

Verônica e Albertina montaram em um cavalo de um morador do vilarejo. Precisavam descobrir o que havia acontecido no Convento. Cavalgavam tão rápido quanto os raios que caíam dos céus.

Finalmente, chegaram ao local almejado. Uma pequena fogueira havia se formado na entrada do Convento da Penha. O local era de difícil acesso, pois localizava-se no alto de um morro, em meio à

Mata Atlântica fechada. As freiras jogavam baldes de água para apagarem o fogo. Algumas feridas e outras cansadas, Madre Matilde recebeu Albertina e Verônica.

- Terrível o que aconteceu aqui. Dois homens armados invadiram o Convento e queriam um tesouro!

- Fausto e Patrício.

Murmurou Verônica.

-Eles levaram alguma coisa, Madre?

Perguntou Albertina.

-Obviamente, não. Não há nenhum tesouro mundano na casa de Deus.

Respondeu a religiosa, levando as mãos aos céus.

Uma freira, que possuía o rosto bastante redondo, juntou-se ao grupo e falou:

- Eles disseram que retornarão daqui a cinco anos. E que, na próxima vez, encontrarão o tesouro.

Verônica e Albertina passaram o restante da noite a ajudar as freiras e a população do vilarejo. Deveriam reconstruir o que foi perdido. Sabiam, agora, que o pai e o irmão eram piratas. Somente as duas podiam pará-los. Nos próximos cinco anos, treinarão para serem mais fortes que os dois.

Voltaram para o farol quase juntas com o amanhecer. As notícias ruins não terminariam ainda. Verônica adentrou o quarto da mãe. Ivete estava pálida, gélida e imóvel. Enquanto lutavam contra os inimigos, a mãe havia falecido. Albertina caiu ao chão com as mãos trêmulas e os olhos cheios de lágrimas. As irmãs estavam sozinhas no mundo. Podiam contar apenas uma com a outra. Verônica ajoelhou-se e abraçou a irmã.

Elas tinham certeza que na próxima vez que encontrassem os piratas, estariam preparadas para vencê-los. Preparar-se-iam, o grande dia da batalha final não tardaria a chegar.

Em meio às trevas, as irmãs ainda conseguiam enxergar a luz. Uma era o brilho da outra.

Albertina foi à cadeia do local. Queria investigar alguns dos piratas que foram detidos.

- Como estás, Albertina?

Perguntou o homem.

Ele era baixo, gordo, um pouco careca e possuía um enorme bigode ruivo.

- Levando a vida, Sargento-mor Müller!

- Levá-la-ei para ver os prisioneiros do incidente. Acompanha-me.

Seguiram por um corredor escuro. Nele, havia várias celas. Não era possível observar quem estava dentro delas, porque o lugar era mal iluminado.

Pararam em frente à última grade, no final do corredor. Aproximando-se mais perto era possível observar um amontoado de homens. Eles trajavam roupas excêntricas. Camisas e chapéus pomposos. Cabelos compridos e rostos cínicos. Um deles, com ar bastante galante e um belo rosto, aproximou-se da grade e falou para Albertina:

- Minha noiva veio me visitar?

- Não seja cínico!

Esbravejou o sargento-mor.

- Quero saber a quanto tempo trabalhavam para Fausto?

Perguntou a moça.

- O que ganho com isso?

A moça estendeu a mão e mostrou várias moedas de ouro. Os outros prisioneiros também se aproximaram das grades.

- Agora esta conversa está ficando interessante!

- Então, diga-me há quanto tempo trabalha para Fausto.

- Dez anos.

Respondeu o pirata.

- Quais eram os planos dele?

- Para essa resposta, precisarei de mais algumas coisas...

- Quanto ouro tu queres?

- Não é uma questão de ouro, quero minha liberdade.
- Conta-me o que sabes e estará livre.

Falou Albertina.

- Não confio em ti.
- E eu também não tenho confiança em ti.
- Então não há negociações entre nós.

Albertina jogou as moedas de ouro para o homem. Os olhos dele brilharam. Antes de sair, a mulher falou:

- Volto daqui alguns dias.
- Não resistirá ao meu charme.
- Cala a boca, Diogo!

Albertina retornou para o farol. Contou para Verônica o que havia acontecido.

- Será que ele falou a verdade?

Perguntou Verônica.

- Não sei, mas pela estrutura dos navios, creio que não seja há pouco.

- Eu também havia pensado nisso.

- O mais importante é que eles não conseguiram encontrar o tesouro.

Afirmou Albertina.

- Foi bom termos lido o mapa e depois tê-lo queimado.

Disse Verônica.

- Lembro-me, como se fosse ontem, o dia que encontramos o mapa do tesouro quando crianças.

Quando as duas irmãs eram crianças, viviam a brincar por todo o farol. Certo dia, foram a uma parte mais escondida no porão.

Verônica derrubou, por acidente, um enorme quadro. Era o retrato de uma mulher. Ela possuía a pele extremamente alva. Os cabelos longos, cacheados e castanhos. Albertina ajudara a irmã a colocar a pintura novamente na parede, entretanto, viu que na

parte da moldura, atrás do retrato, saía um pedaço de papel.

As irmãs, com dificuldade, conseguiram retirar o pedaço de papel. Muito velho e amarelado, o envelope estava lacrado, com um tipo de carimbo vermelho. Digno de famílias reais. Verônica abriu-o e as duas leram o que estava escrito nele.

“Se tu estás a ler isto, certamente, já estou morta.

Se tu és digno de teres encontrado isto, certamente, tu és a pessoa certa a cuidar do tesouro.

Meu nome é Maria Constantina Alvarenga Magalhães Borba Alves de Bourbon e Bourbon. Sou a herdeira do Arquiduque de Vila Velha. Há muitas gerações, guardamos o maior tesouro presente em terras brasileiras. Nele não há somente ouro. Existem também objetos mágicos. Luneta que tudo vê, bússola do coração, espelho da verdade, entre tantos outros. Porém, eles devem ser usados com moderação. Dizem que uma enorme maldição cairá em quem utilizá-los para o próprio bem.

Sinto que eu fui vítima dessa maldição. Eu era, quero dizer, ainda sou apaixonada por Louis Orange Bourbon. Meu primo distante. Utilizei a luneta que tudo vê para observá-lo mesmo quando estava longe daqui. Até que, certo dia, eu descobri que Louis amava outra mulher. Decidi não me casar com ninguém e apenas cuidar para que o tesouro não caísse em mãos erradas.

Minha família possuía o domínio do farol. Mudei-me para cá. Deixarei que o local seja cuidado por uma parte de primos meus, eles são parentes de minha mãe. Ao contrário de Louis, parente de meu pai. Obviamente, se tu cuidas do farol, és meu primo, ou prima.

Já estou muito velha. Louis agora mora em Londres com a esposa dele e filhos. Deixo a ti, leitor de minhas lamentações, a responsabilidade de cuidar do tesouro.

O segundo pedaço de papel, que está neste envelope, é de fato o mapa do tesouro. Espalhei o boato de que a fortuna está no Convento da Penha.

Peço também que cuide das freirinhas. Elas não têm culpa de minha pequena mentira.

Com carinho, despeço-me e peço que tenhas juízo para cuidar desse fardo.

Desejo muita luz em tua vida,

Maria Constantina Alvarenga Magalhães Borba
Alves de Bourbon e Bourbon.

(Sua querida prima)”

A carta parecia estar manchada com lágrimas. O papel muito velho, ainda sobrevivia à espera de quem protegeria o tesouro.

Verônica e Albertina olharam atentamente o mapa do tesouro. Sabiam qual era o local em que ele estava. Porém, não podiam chegar ao lugar, pois eram crianças e não sabiam navegar ainda.

Queimaram o mapa e a carta. Sentiam a responsabilidade de continuar o que Maria Constantina havia começado. De fato, a autora da carta era prima delas. Perguntaram ao pai sobre

Constantina e ele disse que ela era parente distante deles.

Agora, as irmãs tinham cinco anos para prepararem-se contra o pai e o irmão. Eles percebiam que as moças conheciam o local do tesouro. Sabiam que não era o Convento. Viriam atrás delas. Precisariam estar prontas.

Na manhã seguinte, as duas visitaram algumas fazendas. Compraram alguns escravos. Os mais fortes e valentes. Levaram-nos para a entrada do farol. Albertina falou:

- Todos estão livres!

Os homens arregalaram os olhos. Como alguém que nem conheciam poderia comprar a alforria deles?

- Por que a senhora diz isso?

- Essa é a verdade. Estão livres, se quiserem, podem ir. Mas, tenho uma proposta.

Falou Verônica.

O mais alto dos ex-escravos perguntou:

- Qual é a proposta?

- Pagaremos um salário para cada um. Com o dinheiro, poderão comprar a liberdade de suas famílias. Podemos adiantar a alforria deles e ainda pagaremos para serem nossos funcionários.

Disse Albertina.

-Sinhá, somos ignorantes, explica melhor.

Pedi outro homem.

- Libertaremos suas famílias e pagaremos salários para vós. Trabalharão como nossos marujos. Protegerão o Convento da Penha e as pessoas do vilarejo.

Explicou Albertina.

Muitos dos homens ajoelharam ao chão aos prantos. Com as mãos para os céus. Será que realmente estariam livres?

- Terão horários e dias de descanso. Não nos chamem de sinhá. Capitã, nós seremos capitãs de três navios.

Falou Verônica.

- As senhoras são muito boas para nós. Sempre serei leal às senhoras.

- A tua lealdade é a melhor coisa que recebemos agora.

Falou Albertina.

- Hoje, iremos resgatar vossas famílias.

Completo Verônica.

Elas utilizavam o dinheiro do tesouro para pagar a liberdade deles. Alguns escolheram ir. As irmãs não os impediram. Os outros receberam o que foi prometido. As irmãs pagavam tão alto pelas famílias, que os senhores de engenho não recusavam a venda.

Armando era o ex-escravo mais sábio entre todos. Alto e não muito forte, depois que ganhou a liberdade, sempre estava em bons trajes. Albertina logo percebeu o tanto que o homem era perspicaz.

Elas possuíam três navios chamados: Rubi do oeste, Flor de Lótus e Maria Constantina. O primeiro era

avermelhado, porém escuro. O segundo era um pouco rosado, mais claro que o Rubi do Oeste. O último era branco feito com madeira peroba.

O ex-escravo mais forte, entre a tripulação, era Francisco. Também, o mais leal. Na embarcação avermelhada, Chico lá estava. A capitã era Verônica. Albertina comandava o branco navio e Armando a embarcação rosada.

Antes, porém, de a tripulação estar completamente pronta para navegar e vigiar o vilarejo e o Convento da Penha, as irmãs treinaram arduamente com os negros libertos. Ensinaram a utilizar espadas e armas de fogo. Noções de como velejar. Todos os ensinamentos que haviam sido passados pela família Alves há gerações.

Durante o treinamento, os libertos construíram pequenas casas para as famílias deles. Verônica e Albertina acreditavam que podiam mudar a história. Mesmo sendo mulheres de pele negra e sem marido. Elas eram revolucionárias. Não eram contestadas, todos sabiam quão fortes e

poderosas eram. O sangue de Constantina corria pelas veias das irmãs Alves.

Certo dia, Müller, o sargento-mor, foi ao farol para conversar com Albertina.

- Bom dia, Albertina!

- Bom dia, sargento-mor. O que fazes aqui tão cedo?

- Trago-lhe um recado. Diogo quer vê-la.

O coração de Albertina apertou-se.

- O que ele deseja?

- Diz que tem algo importante para lhe falar.

- Comparecerei à cadeia.

Despediram-se. Albertina conversou sobre o assunto com a irmã.

- O que será que ele falará?

- Não tenho certeza, Verônica. Mas, acho que venderá mais informações sobre Patrício e nosso pai.

- Precisamos de mais dinheiro para pagar pelas informações. Podemos ir agora, enquanto a maioria das pessoas ainda dorme.

- Sim, será um grande caminho até o tesouro de Constantina.

Iriam até o tesouro. Ele era tão valioso, que poderiam esbanjá-lo durante mil anos. Saíram do farol. Foram em direção à praia. A areia era muito branca. Havia palmeiras próximas dali, em uma região em que a grama já aparecia. Um pequeno bote estava amarrado a uma das árvores. Verônica desamarrou-o. As duas empurraram a embarcação até a água. Entraram nele e começaram a remar. A água era azul, muito límpida. Enquanto navegavam, sombras podiam ser vistas passando embaixo do pequeno barquinho. Seriam peixes, tartarugas ou até mesmo tubarões?

- Lembra-se, Albertina, da primeira vez que fomos ao tesouro? Tivemos medo dessas sombras.

- Lembro-me, Verônica. Eu te abracei fortemente quando vi essas formas.

As duas riram e continuaram a navegar no vazio azul do mar. “Vazio azul do mar”, isso, mais tarde, tornar-se-ia uma bela canção. Chegaram à pedra da Sereia. Puxaram o barquinho para a terra firme. O local era pedregoso. A montanha pedrosa era equivalente a um prédio de dez andares em altura. A largura equivalia a uma ilha.

Caminharam um pouco para a direita. Escalaram metros pelas pedras e cascalhos. Verônica tateou os pedregulhos. Empurrou-os. Aquela era uma entrada camuflada. Finalmente, chegaram ao tesouro de Constantina.

O lado de dentro do esconderijo era muito escuro. Era enorme e o ouro ocupava todos os lugares. Além disso, existiam objetos curiosos. Uma luneta de ouro. Sim, ela era a luneta que tudo vê. O espelho da verdade era coberto por tecido cor de vinho. A bússola do coração estava em cima de uma pequena mesa. Albertina pegou-a. A flecha apontou para o lado oposto do local em que estava. Mais precisamente, para o vilarejo. Rapidamente, ela soltou o objeto. Verônica segurava uma espécie de flauta.

- Precisamos dessa flauta, quando o dia da batalha chegar.

Falou Verônica.

- Certamente.

Respondeu Albertina.

Pegaram a quantia de ouro que precisavam e retornaram para a embarcação. Refizeram o mesmo caminho da ida.

Após o almoço, Albertina foi ao vilarejo. Visitaria Diogo na cadeia. Cumprimentou o sargento-mor e seguiu pelo caminho que havia feito a tempo atrás. O pirata aproximou-se entusiasmado das grades quando viu a mulher.

- Minha noiva resolveu visitar-me?!

- Não seja sarcástico! O que desejas?

- Paga minha fiança, em troca, contar-lhe-ei tudo sobre os planos de Fausto.

- Como posso confiar em ti?

- Minha lealdade está com quem possui ouro.

Albertina pensou se ele sabia sobre o tesouro.

- Nada feito.

O homem de longos cabelos negros, pele muito clara e lindos olhos castanhos fez um sinal para a mulher aproximar-se dele. Quando ela estava próxima, ele disse:

- Em poucos dias, serei executado. A Coroa Portuguesa não perdoa piratas. Somente se tu comprares minha liberdade poderei continuar vivo.

- Não confio em ti, mas comprarei tua liberdade.

O rosto do homem brilhou de alegria, a mulher continuou a falar:

- Tu serás meu prisioneiro.

- Será uma honra, *mademoiselle!*

Albertina pagou a fiança para o sargento-mor. O homem foi levado algemado para o farol, na mira da arma de fogo portada pela mulher.

- Toma um banho, troca de roupa e coma. Ficará em um dos aposentos.

- Tu tens um nobre coração. Não és igual ao teu pai, Fausto.

- Como sabes disso?

- Cumprirei minha promessa de falar tudo que sei, minha senhora.

Realmente, o pirata cumpriu a promessa. Verônica duvidava se aquilo que ele falava era realmente verdade. Ele continuou a ser prisioneiro. Os escravos aprenderam os ofícios ensinados pelas irmãs. O tempo passou e o grande dia havia chegado. Reencontrariam Patrício e Fausto naquela batalha final.

Como há cinco anos, o dia era muito chuvoso. O céu púrpuro. Trovões caíam a todo momento dos céus. Rubi do Oeste, Flor de Lótus e Maria Constantina estavam no turbulento mar. Verônica comandava o Rubi do Oeste. Armando era o capitão de Flor de Lótus. Albertina era a capitã do Maria Constantina, no qual Diogo estava a bordo.

As embarcações inimigas aproximavam-se. A tripulação amiga disparou os canhões contra os que chegavam. Os inimigos fizeram o mesmo.

-Não deixem que eles passem por nós!

Gritava verônica.

-Ataquem o inimigo!

Berrava Armando.

-Atacar ao meu comando!

Mandava Albertina.

Os disparos eram intensos. As embarcações chacoalhavam fortemente. Os inimigos emparelharam com os navios das irmãs. Apenas o Flor de Lótus, comandado por Armando, atacava ainda a distância.

Os inimigos conseguiram pular para o Rubi do Oeste e Maria Constantina. A batalha agora era corpo-a-corpo.

-Antes que eu morra, preciso fazer isto!

Disse Diogo antes de beijar Albertina e lutar bravamente contra os antigos companheiros.

Verônica lutava contra Patrício. Albertina, em outro navio, enfrentava o próprio pai.

O tilintar das espadas era intenso. Francisco havia derrubado sozinho cinco piratas. Ele era o mais nobre e forte marujo.

Albertina atacou ferozmente o pai, ele caiu desarmado ao chão. Do outro lado do navio, Diogo também desarmara um pirata. Porém, outro deu-lhe um tiro pelas costas. A mulher gritou ferozmente. O pai conseguiu se armar novamente e atacou-a.

Enquanto isso, Verônica encurralava o irmão. Ele não possuía a mesma habilidade que ela, depois de cinco anos. A mulher retirou a flauta de dentro da roupa e começou a tocá-la. Uma lula gigante surgiu do oceano. Atacou o navio inimigo que lutava a distância com o de Armando. Verônica atacou o irmão com a espada e feriu o braço dele. Desarmado, rendeu-se.

- Estou com um dos líderes. Parem com a batalha!

Os piratas que estavam no Rubi do Oeste renderam-se. O que lutava com o Flor de Lótus estava dominado pela lula gigante. Apenas havia guerra no Maria Constantina.

- Por que tens tanta ganância? Para que esta guerra?

Perguntava Albertina ao pai enquanto batalhavam.

- Ouro é o que há de mais valioso.

Respondeu o homem.

Ele atacou a filha. Ela bloqueou o ataque. Novamente as espadas estavam travadas. Em um rápido momento, o homem sacou a arma de fogo. Apontou para a filha. Porém, foi atacado pelas costas com uma garrafada na cabeça por um dos ex-escravos.

-Seu líder agora é nosso, rendam-se!

Gritava o ex-escravo.

Os inimigos agora estavam rendidos. Albertina correu para encontrar Diogo. Ele sangrava caído ao chão.

- Diogo...

Disse a mulher aos prantos.

- Albertina, eu te amo.

-Fica quieto, economiza suas forças...

- Não há mais jeito, chegou minha hora de partir.
Prometa-me que serás feliz.

- Eu te esperarei, um dia encontrar-nos-emos além
dessa vida.

- Abraça-me.

Ao abraçá-lo, nunca mais ele abriu os olhos.

A cadeia de Vila Velha, agora, possuía outros prisioneiros, incluindo Patrício e Fausto. Tudo parecia bem, mas as irmãs tinham algo a fazer.

Navegaram no Maria Constantina até a pedra da Sereia. Retiraram todo o ouro de lá. Repartiram entre os ex-escravos. Os artefatos mágicos teriam outro fim. Depois de levarem a riqueza de lá, atearam fogo no local.

- Somente, assim, podemos quebrar a maldição.

Disse Albertina.

- Apoio tua decisão. Estaremos juntas até o fim.

Falou Verônica ao segurar a mão da irmã.

O resgate de Frederico Carneiro de Campos

Aquele era o ano de 1867 e o Brasil estava fervoroso. O então governador da província do Mato Grosso, Frederico Carneiro de Campos, era prisioneiro de Solano López que liderava o Paraguai. O brasileiro já era prisioneiro, quando esse outro país invadiu as terras tupiniquins.

Madalena estava a colher ervas medicinais, próxima ao pântano. Tinha muito cuidado para fazer isso, pois morava na região em que o conflito entre as nações inimigas havia começado. A moça possuía a pele alva, os cabelos longos e castanhos. Um grande estouro foi ouvido do local em que ela se encontrava. Pegou o cesto com as ervas e correu para a morada dela.

Corria ao ver um homem caído perto de uma árvore. Ela parou e caminhou em direção a ele. O rapaz era alto, magro e ruivo. Os lindos olhos verdes dele encantaram a garota. O ferido parecia estar inconsciente. Afinal, ele possuía um ferimento profundo próximo à barriga. Madalena selecionou algumas das ervas medicinais que havia colhido. Colocou-as no ferimento do enfermo. Esperava que aquilo o melhorasse.

Como já estava próxima à residência, ela resolveu arrastá-lo para a morada. Ele era mais pesado do que aparentava ser. Usava uma farda militar, na qual, era possível reconhecer o símbolo do governo paraguaio.

Depois da dificuldade de levar o rapaz para um local seguro, Madalena preparou alguns chás e compressas para medicá-lo. A casa da moça era muito modesta. As paredes eram avermelhadas, feitas de tijolos. Já o telhado foi construído com lama e palhas. A irmã de Madalena também morava no local. Aliás, somente as duas moravam naquela residência. Aurora, esse era o nome da mulher mais

velha. Pelo visto, não havia gostado da mais nova ter levado o homem para aquele local.

- Madalena, ficou completamente louca? Trouxe um inimigo para a nossa casa?!

- Ora, Aurora! Ele é apenas um ferido! O que poderá fazer contra nós?

- Sabes que qualquer um pode estar atrás do teu segredo?

A mocinha de cabelos castanhos ficou desconsertada com a situação e disse:

- Eu sei que ele não é uma pessoa com o coração maldoso!

- Essa sua mania de julgar os corações sem ao menos conhecer a pessoa, irrita-me muito!

A discussão foi interrompida por alguém que batia à porta. Madalena olhou pelo buraco da fechadura e reconheceu a quem pertencia as vestes. Otávio, o vizinho mais próximo e amigo das moças. Ela abriu a porta e ele adentrou ao recinto.

- Como estão, moças? Eu deveria dizer também rapaz?

Ele terminou olhando para o local ao chão, no qual se encontrava o rapaz ruivo.

- Olá, Otávio! Eu estava a dizer para essa cabeça-oça que não deveríamos abrigar o inimigo.

- Otávio, diga a ela que sentes o bom coração desse rapaz!

O moço, que adentrara ao local, era loiro, possuía lindos olhos azuis e o rosto muito angelical. As vestes não eram como a dos outros rapazes da região. Em tom azul claro, compridas, na realidade, um tipo de túnica. Na mão direita, segurava um cajado quase do mesmo tamanho dele. O objeto era dourado, parecia de ouro puro.

- O coração dele parece perturbado no momento. Deves ter cuidado com qualquer desconhecido, sabes que guarda aquele segredo.

- Exatamente isso, eu falei para ela!

- Seguirei o teu conselho, Otávio!

Respondeu Madalena à crítica da irmã dela.

Otávio não era como as outras pessoas. Ele possuía poderes para curar os seres e emanar diversos tipos de energias, além de sentir os anseios das almas. Presumia-se que, somente, ele e Aurora sabiam qual era o segredo de Madalena. Porém, eles estavam cientes de que os governos envolvidos na guerra sabiam que a pessoa da lenda realmente existia.

O homem começava a reagir, quando disse com sotaque espanhol:

- Preciso encontrar quem é capaz de produzir...

Ele não possuía forças para concluir a frase. Aurora e Madalena arregalaram os olhos. Otávio manteve-se imóvel. O ruivo tinha conhecimentos sobre a lenda.

- Eu disse que ele não era confiável!

Exclamou Aurora.

Diante disso, Madalena não pode responder nada.

- Aurora, observe-o atentamente. Madalena e eu precisamos conferir se o segredo continua guardado.

Os dois apressaram-se. Andaram até o quarto das moças. Arrastaram uma das camas. No piso, havia uma tampa feita de barro. Madalena puxou-a, uma escada podia ser vista. Eles passaram pelo buraco e desceram os degraus.

Diferentemente do casebre, aquele novo local possuía as paredes cinza, muitos livros em estantes, era mal iluminado e o que mais impressionava eram as modernas máquinas para aquela época.

A referida lenda dizia que, há certo tempo, havia um habilidoso inventor em uma região próxima ao pântano do Oeste. Ele criava máquinas importantes e úteis através de mecanismos a vapor. Tudo o que era criado, movia-se a fumaça. Máquinas para cortar a vegetação ou, então, plantar novos vegetais. Tudo era possível de ser criado. No entanto, esse potencial também poderia ser explorado na fabricação bélica. Armas modernas, os nossos atuais tanques de guerra e tantas outras coisas

serviriam para uma nação destruir a outra. Pessoas que possuíam a habilidade desse homem eram chamadas de *construtores*. Entretanto, esse senhor faleceu e na família dele apenas uma pessoa possuía o mesmo dom. Ela era Madalena.

Apenas uma lenda não confirmada para a população em geral por ninguém. Mas, os países envolvidos na guerra procuravam essa fonte de poder.

Quando o pai das moças faleceu, elas mudaram-se da região em que viviam. Continuavam na província do Mato Grosso, mas em uma região pantanosa e sem outras moradias ao redor. Moravam em um local sem grande vizinhança, não conversavam com outras pessoas e mantinham a discrição. Não podiam deixar que ninguém soubesse sobre o segredo que guardavam. A única exceção era Otávio. O mago era amigo da família há muito tempo. Mesmo envelhecendo a aparência, em menor proporção que os outros humanos, ele possuía a mente muito madura. Incumbiu-se de cuidar da segurança delas, caso o pai viesse a falecer.

Otávio e Madalena viam que o segredo dela ainda estava a salvo. Dentre todas as máquinas, havia uma que chamava mais a atenção. Repleta de engrenagens à mostra era uma espécie de navio de madeira e metal. Possuía também duas enormes asas de libélula. Esse era feito de algo parecido com tecido de algodão e estrutura em madeira. Pelo que parecia aquilo era um avião a vapor.

Uma luz piscava forte, ela vinha de dentro de uma pequena caixa. Madalena aproximou-se desse objeto. Ele era metálico e para abri-lo precisava girar a engrenagem maior que se deslocava e movia as menores.

Um holograma foi mostrado ao abrir o objeto. A figura de uma mulher podia ser vista. Ela olhou desconfortavelmente para Madalena e falou:

- Olá, Madalena!

- Olá, senhorita Augusta. Como vai?

- Não muito bem. Entro em contato para dizer que precisamos que venha até aqui.

- O que aconteceu?

- Solano Lopez está prestes a encontrá-la!

Madalena ficou chocada com a notícia. Pensou se o jovem ruivo estaria a mando do ditador paraguaio.

- Encontrei um soldado paraguaio ferido e trouxe-o para cá. Seria ele um espião de Solano Lopez?

- Mantenha-o como prisioneiro e venha para cá o mais rápido possível.

- Farei o que diz.

- Quando chegar aqui, eu darei instruções sobre o plano que temos.

- Trata-se de qual assunto esse plano?

- O resgate do presidente da província do Mato Grosso. Preciso desligar, até mais.

- Até!

Otávio prestava muita atenção no diálogo de Madalena e Augusta. Sabia que precisaria ajudar as irmãs na viagem que iniciariam.

- Madalena, precisaremos partir em breve, então?

- Sim, o Vale dos Construtores necessita de minha ajuda.

O Vale dos Construtores era um local secreto que existia em meio ao pantanal mato-grossense. Lá, viviam muitos construtores. O senhor Ezequiel, pai das irmãs, veio desse lugar. Ao morar em cidade fora do vale, ele conheceu Olívia, a mãe das garotas. Uma mulher humilde, neta de índios brasileiros. Ela era a única fora do local que sabia sobre o dom do marido. No lugar em que eles viviam, o homem construía muitas máquinas úteis para a população. Porém, ninguém sabia que aquilo era um tipo de poder especial até o militar das forças brasileiras, coronel Gastão, espalhar os boatos. Os rumores nunca foram confirmados, mas Ezequiel temia que após a morte dele, alguém fizesse mal a filha que herdou os poderes. O pai recolheu todas as máquinas que havia feito para o povo do lugarejo. Ao morrer, as garotas foram morar escondidas e protegidas por Otávio. Infelizmente, a mãe delas também havia falecido.

O mago e a construtora retornaram para o local em que se encontrava o ferido. Inesperadamente, o

militar estava de pé apontando uma faca para Aurora. A moça, que tinha pele negra como a da mãe, estava pálida. Otávio disse algo naquele momento:

- *Corpus Lapis!*

E apontou o cajado para o ruivo que, com isso, permaneceu petrificado. Podia mexer apenas com a boca e os olhos.

A energia emanada de Otávio através do instrumento era formidável. Com dizeres em latim podia fazer muitos feitiços. Realizava-os sem mencionar nada também, porém, fazia isso apenas com magias mais fáceis de serem controladas.

Madalena exclamou com o que havia acontecido:

- Oh, meu Deus!

O rapaz ruivo disse, ainda, petrificado, e com sotaque espanhol:

- Então, a construtora realmente é protegida por um mago!

-Eu sabia que o ter em nossa residência era má ideia, Madalena!

- Desculpa-me, Aurora. Agora não temos mais tempo para desfazer essa confusão. Precisamos partir para o Vale dos Construtores.

- E o que faremos com esse infeliz homem?

- Eu não sou infeliz! Meu nome é Javier!

- Que seja. Isso pouco nos importa agora.

- Augusta pediu que ele fosse levado como nosso prisioneiro.

Disse Otávio.

- Estão realmente loucos! Levar esse homem ao vale!

- Essa é a ordem que recebemos.

Retrucou Madalena.

- Transportarei as máquinas e os livros para a minha dimensão. Ao chegarmos ao vale, irei trazê-los de volta.

Otávio podia atravessar as dimensões também. Ele próprio não era originário da nossa. Mas, não conseguia transportar mais de três pessoas para outro mundo. Podia, no entanto, fazer isso com grandes quantidades de objetos.

Aurora, Madalena e Otávio seguiram para a sala em baixo da cama. O prisioneiro flutuava petrificado atrás do mago. Viajariam no navio-libélula até o Vale dos Construtores. A região da província do Mato Grosso era repleta de pântanos. Alagada, foi um local propício para a construção do vale, pois ninguém além dos construtores possuía tecnologia suficiente para chegar ao coração das terras pantanosas. O mago camuflaria a embarcação com magia para que as outras pessoas não os vissem, já que esse dispositivo não funcionava mais no navio e não possuíam tempo para concertá-lo.

Na sala, em que estavam as máquinas, havia uma enorme saída, na realidade, uma porta de ferro. Por ela, poderiam sair com o estranho meio de locomoção. Obviamente, estavam abaixo da terra, mas o local pelo qual sairiam correspondia a um enorme precipício. Assim, poderiam alcançar voo

facilmente. A extensão da sala secreta subterrânea ia além do casebre. Mais precisamente, correspondia do lar até o precipício. Uma área muito vasta e deserta na superfície. O lado de fora desse enorme portão era camuflado com vegetação local, rasteira.

Otávio emanou grande luz pelo cajado, os livros e as máquinas foram transportados para a dimensão dele. Os outros três já estavam a bordo do navio-libélula. O mago também adentrou a embarcação. Madalena estava comandando a viagem através do leme. Para dar início, ela acionou a chave em um painel próximo ao que controlava. As engrenagens ao redor do navio começaram a girar, fumaça saía de um enorme tubo no canto inferior esquerdo da embarcação. Estavam prontos para a aventura que começava.

O navio era espaçoso. Alcançaram voo e subiram rapidamente em direção às nuvens. Quando chegaram à altitude de estabilidade, Javier sorriu ao poder ver de perto o que da terra pareciam algodões. Os enormes blocos de fumaça branca.

A embarcação estava estável. Madalena pediu para que Otávio assumisse o controle do leme por um momento. Ela gostaria de conversar a sós com o prisioneiro que permanecia petrificado.

- Olá, Javier!

Disse a moça, gentilmente.

- Por que sorri para mim, inimiga?

Ele repudiou ao gesto dela.

- Não sou tua inimiga. Quero entender porque atacastes minha irmã.

- Nós somos inimigos.

A garota aproximou-se bastante dele. Encostou a mão direita no rosto do rapaz. Ele, naquele momento, podia sentir o coração dela através do gesto. Os lindos olhos verdes dele, banhados em luz pelo sol que resplendia os fios ruivos, encontraram os castanhos olhos de Madalena. Javier não entendia como alguém com tal habilidade como a da moça podia sentir compaixão pelo inimigo. Não

sabia o motivo de tamanha alegria ao ver o sorriso dela.

O feitiço de Otávio parecia estar no fim. Javier começou a mover. Com dificuldade, segurou a mão da garota. Com o rosto corado, ela falou:

- Essa guerra não é nossa. Por isso, não o tenho como inimigo.

-Obrigado, por ter cuidado de mim.

Ele respondeu.

O momento de ternura durou pouco. O mago perdeu o controle da embarcação. Pareciam estar a cair. Com uma mão, Javier segurou-se no mastro da embarcação e com a outra segurava a mão de Madalena que também se agarrara firme no navio. Aurora havia se segurado também na embarcação. Otávio tentava reverter à situação, ainda comandando o leme. A construtora piscou para o ruivo. Despreendeu-se dele e do navio. Escorregou pelo piso até segurar-se no leme. Levantou-se e ajudava ao mago na direção da embarcação. Eles tentavam de todas as formas ganharem estabilidade

novamente, mas o navio já era velho e não funcionava como antigamente.

Madalena avistou uma região alagada. Forçou para que pousassem lá. Despencavam rapidamente. Colidiram fortemente contra a água. O baque foi muito forte. Por sorte, podiam navegar por ali, pois não ficaram encalhados.

- Todos estão bem?

A construtora perguntou.

Otávio, Aurora e Javier responderam que sim. A partir dali seguiriam o caminho de navio. Porém, teriam que continuar caminhando, depois que a região alagada terminasse. Para chegar ao Vale dos Construtores, teriam que enfrentar várias armadilhas, caso apostassem pela caminhada. Essa era a dificuldade de uma pessoa normal chegar ao local proibido.

Já era quase o horário do almoço. Provavelmente, à noite, chegariam à terra firme. Navegar demorava mais do que voar. Navegaram durante toda a noite para chegarem ao local esperado. A magia do mago,

para que ninguém visse o navio-libélula, ainda estava ativa.

Aurora havia levado alguns alimentos para os viajantes. Pães, bolachas e suco de uva. Todos apreciaram a refeição e sentiram satisfeitos, incluindo até mesmo Javier. Madalena pediu que o prisioneiro não continuasse petrificado. Otávio atendeu ao pedido, mas não tirava os olhos do outro rapaz.

Finalmente, chegaram à terra firme. Desceram da embarcação. O lugar era lindo. Tropical, havia flamingos cor-de-rosa. Madalena apaixonou-se pelas aves. Poucas eram as árvores no local. Aurora apanhou frutos das poucas que existiam no local.

A caminhada começava. A terra não possuía mata fechada. Porém, existiam onças e outros animais ferozes na região. Otávio orientou para que tivessem cuidado. Javier era obrigado a seguir próximo do mago, assim, seria mais difícil do prisioneiro fugir. Madalena acompanhou o prisioneiro de perto.

O sol já estava a se pôr. Aurora e Otávio entreolharam-se. Pressentiam a mesma coisa.

- Otávio, também sente a presença de outros seres?

- Eu também pressinto!

A irmã mais velha sempre pressentiu quando pessoas com habilidades mágicas e sobrenaturais aproximavam-se. Foi dessa maneira que encontraram Otávio.

O mago vinha da dimensão chamada de Azura. Lá, havia uma antiga crença, na qual o garoto, nascido no último dia da quarta guerra estelar, conheceria uma formidável criadora de máquinas em outro mundo. O destino dele estava interligado com o de Madalena.

A escuridão surgia mais rapidamente. Otávio sabia quais seres surgiriam, por isso, apontou o cajado para os inimigos novos, mas não foi tão rápido. Um bando de dez vampiras e um vampiro agarrou Madalena. Às gargalhadas, o único homem presente no bando das trevas falou:

- Uma linda construtora! Seria bom ter uma esposa especial como essa para o nosso mestre!

Otávio lançou um enorme poder contra o ser, que, com isso, transformou-se em cinza. As vampiras olharam admiradas para o mago. Ele segurou o braço de Aurora e Madalena. A alternativa seria o transporte dimensional. Já executava a magia, quando a construtora segurou o braço de Javier. Otávio não conseguia transportar todos. Madalena e o ruivo permaneceram juntos das vampiras.

As maléficas sorriram. Uma, que possuía cabelos loiros, disse:

- Um lindo rapaz ruivo! Será o nosso animalzinho de estimação!

- E, enquanto, a construtora?

Perguntou uma vampira de cabelos negros.

-Leve-a para o mestre.

A primeira respondeu.

A loira vampira pegou o rapaz pelos dois braços. A de cabelos negros encarregou-se de fazer o mesmo com a construtora.

Aterrissaram em um grandioso castelo. Ele possuía enorme escadaria na entrada. As vampiras empurraram os prisioneiros para que eles adentrassem ao local. Do lado de dentro, o salão principal era enorme. No teto, havia uma pintura de um homem bonito e sombrio. Os cabelos dele eram castanhos e os olhos vermelhos. O rosto não era muito magro. Pelo retrato, não aparentava ser alto.

A loira puxou o braço de Javier e seguiu pelo corredor à esquerda. A negra fez o mesmo com Madalena. Os dois foram aprisionados em cômodos diferentes do casarão.

Enquanto isso, Otávio e Aurora estavam na dimensão de Azura. Aquele era um local muito frio. A neve era incessante em todo aquele mundo. O mago estava com as mãos no rosto. As lágrimas corriam pela face dele. A jovem entendia o desespero do que chorava. Somente após algumas horas, ele poderia atravessar as dimensões novamente. O encanto era limitado.

-Aurora, o que será de Madalena?

Ele perguntou chorando.

Se encolhendo devido ao frio, ela respondeu:

- Apenas rezarei por ela.

No castelo, Javier foi levado para um aposento no quarto e último andar. Acorrentado, foi trancafiado pela vampira loira. Havia uma janela aberta. Por ela, era possível ver que atrás do local, encostado na parede, um rio passava. Naquele momento, o jovem ruivo teve uma brilhante ideia.

Madalena foi levada para um quarto do outro lado do castelo. O lugar era iluminado apenas por uma tocha, não existiam janelas. A de cabelos negros trancou a porta e partiu. Logo em seguida, voltou com um belo vestido em mãos. Desacorrentou a prisioneira e falou:

- Vista isso. O mestre fará sua transformação à meia-noite.

O coração de Madalena congelou. Pensou que aquele seria o fim dela.

À meia-noite, a jovem construtora foi levada para o salão principal. O vestido que usava era negro e muito justo ao corpo. Os cabelos estavam presos e

batom vermelho havia nos lábios dela. Javier estava com uma corrente de um braço ao outro. Mesmo estando em uma situação de apuros, deslumbrou-se com a beleza da prisioneira. Parecia ainda mais bela naquele traje.

As vampiras estavam reunidas no salão. Conversavam bastante, até que o mestre delas adentrou o local. Realmente, a imagem dele era fiel à pintura no teto.

- Venha para mim, Madalena!

Disse o homem às gargalhadas e completou:

- É tão bela, minha rainha! Rainha do mestre Leonel!

Madalena caminhou apreensivamente até o encontro do homem. Ele segurou-a pela cintura e aproximou o rosto dele ao pescoço da moça. Era possível ver os dentes aumentarem. Nesse momento, com certa dificuldade por causa da corrente, Javier sacou uma arma de fogo de dentro da roupa e atirou contra o vampiro. O ser das trevas olhou para o rapaz e deu as costas para Madalena.

- Crê que me matará com isso?

Ele caiu ao chão se contorcendo e se transformou em pó. A construtora enfiara uma estaca pelas costas dele, que atravessou o corpo na região do coração.

Javier estendeu a mão para Madalena que corria na direção dele. Os dois subiram desesperadamente os degraus. As vampiras seguiram-nos. Chegaram ao local em que o rapaz havia sido aprisionado anteriormente. Ele começou a sair pela janela e disse para a moça fazer o mesmo.

- Vamos pular no rio!

- Está louco?

- Vampiros não podem cruzar água corrente!

- Então, não temos alternativa.

O rapaz olhou fixamente para Madalena. Podia escutar as vampiras aproximando-se. O luar iluminava os lindos olhos cor de chocolate que a construtora possuía. Os belos lábios vermelhos dela eram destacados pela noite. O jovem ruivo, surpreendentemente, beijou Madalena. Após isso, pularam de mãos dadas na correnteza.

O impacto deles caindo foi profundo. Javier tinha dificuldade para se locomover devido à corrente nos braços. Madalena nadou de costas e segurou o rapaz passando-lhe o braço pelo pescoço dele.

Nada estava calmo ainda. Um jacaré aproximava-se deles. Javier atirou no animal. Ainda estava com a arma na roupa, por sorte. O bicho não se feriu, mas partiu. Com dificuldade, chegaram à margem do rio.

- Esse tempo todo, tu tinhas uma arma?

- Sim.

- Por que não tentastes fugir?

O rapaz corou-se com a pergunta e falou:

- Não conseguiria mais ficar longe de ti.

A garota também ficou vermelha. Ele perguntou:

- Como conseguiu aquela estaca?

- Eu construí-a, ora! Não é isso o que faço?! No local em que fui aprisionada havia uma tocha com fogo, eu apaguei-a e usei um canivete para fazer o objeto.

- Tinhas um canivete?

- Obviamente! Um construtor sempre tem um objeto para auxiliar em suas obras.

Os dois sorriram. Madalena disse que caminhariam até o Vale dos Construtores. A hora já estava avançada. Decidiram dormir na região descampada e continuar a caminhada no dia seguinte. Ainda acorrentado, Javier deitou-se em uma região oposta da construtora.

O dia raia. Madalena foi acordada por Otávio e senhorita Augusta.

- Senhorita Augusta! Como encontrou minha localização?

- Olá, Madalena! Demorava mais do que o esperado. Otávio transportou-se para a entrada do vale e nos contou o acontecido.

O mago abraçou a jovem construtora e disse:

- Pensei que nunca mais a veria!

- Graças a Javier estou salva!

Aurora olhava com cara de desaprovação. Antes que pudesse dizer algo, Augusta falou:

- Vamos para o tanque-besouro. Precisamos passar instruções do resgate. A vida de Frederico Carneiro de Campos depende de nós!

Logo à frente, o tanque-besouro estava estacionado. Um enorme veículo no formato do animal que o denominava. Eles subiram uma escada e adentraram pela porta que se situava no teto.

Chegaram ao Vale dos Construtores. O Local possuía diversos prédios enormes. Fumaça de máquinas a vapor saía de todos os cantos. Máquinas que voavam possuíam diversas engrenagens à mostra. Elas estavam presentes também como enfeites nas roupas e acessórios. Na principal avenida, havia no final dela o maior prédio. Era o centro de inteligência do Vale dos Construtores. Augusta encaminhou os visitantes até o local.

Entraram em uma gaiola, dentro do prédio, a qual subiu com velocidade incrível até o último andar. Lá, um homem negro esperava por todos. Ele cumprimentou-os e sorriu especialmente para

Aurora. Todos se assentaram ao redor da grande mesa que havia no local.

- Sem mais demora, apresentarei o plano.

Falou Augusta.

- E, enquanto ao prisioneiro?

Perguntou Aurora.

- O coração dele não mente no momento.

Respondeu Otávio.

O silêncio tomou conta da sala. Foi quebrado por Augusta:

- Devo crer no que o mago diz.

O homem negro comentou:

- Sendo assim, o rapaz ruivo servirá para dizer onde se encontram possíveis emboscadas inimigas.

- Certamente. Prosseguindo, o grupo irá de submarino até a base do rio Paraguai. Lá, entrarão na base militar montada em uma ilhota ao sul. A

missão é resgatar o governador da Província do Mato Grosso, Frederico Carneiro de Campos.

Pela primeira vez, Madalena falou na sala:

- Quantas pessoas irão?
- Somente o teu grupo e Manoel.

Manoel era o homem negro que também estava na sala. Mesmo a escravidão sendo legal no Brasil daquela época, os construtores, ao saberem de rumores sobre negros que possuíam o mesmo dom que eles, resgatavam-nos das fazendas e eram levados para o vale.

- Partirão imediatamente. Não há mais tempo!

Manoel guiou-os para outra sala. Nela existiam armas de todos os tipos e tamanhos. A maioria com engrenagens à mostra. Javier pegou uma arma grande, que necessitava ser manuseada com cuidado. Aurora escolheu uma de bronze. Simplória, sem muitas engenhocas ao redor. Madalena segurou-a com maior número de parafernalias. Otávio preferiu utilizar somente o cajado mágico.

O submarino não estava submerso. Ele também era movido a vapor. Os tripulantes adentraram a embarcação após se despedirem de Augusta. Fariam uma abordagem surpresa na base militar.

Navegaram tão rápido que não conseguiram desprenderem-se dos bancos. O submarino estava submerso. Saíram dele por um tipo de repartição, na qual não havia problemas com a água que entrava. Nadaram pouco até a superfície. Javier indicou em qual local não existia vigilantes àquela hora do dia. Acompanharam-no. Chegaram à terra firme. Foram surpreendidos por soldados paraguaios.

-Ele trouxe-nos para uma armadilha!

Gritou Aurora.

-Eu não sabia que aqui estaria vigiado!

Otávio petrificou o grupo de inimigos.

- Eles sabem que estamos aqui agora!

Falou Madalena.

- Eu levo a todos à cela mais vigiada. Certamente, o governador estará lá!

-Não confio nele!

Disse Aurora.

- Ele é nossa única alternativa!

Argumentou Manoel.

O grupo acompanhou Javier. A ilha possuía uma enorme prisão ao centro. O plano era de chegarem à sala que ficava no lugar mais alto. Eles corriam rapidamente em direção ao local. Enfrentariam diretamente o inimigo.

Um primeiro grupo de combatentes atacou aos que resgatavam. Aurora atirou em vários deles. A arma que possuía executava vários tiros ao mesmo tempo. Manoel utilizou um lança raio que atingiu metade da tropa inimiga. Javier acertou o restante com os tiros certos do armamento que portava.

- Deem-nos cobertura! Voarei com Madalena até a cela!

Gritou o mago.

Ele segurou a garota por um dos braços dela. Madalena atirava nos inimigos que tentavam os acertar

em terra. Ao chegarem à janela da cela, viram Frederico no local. A garota gritou o nome dele. Correu esperançosamente para o socorro. Porém, não sabia como passaria pela minúscula saída.

A construtora retirou um pequeno objeto de dentro da roupa. Parecia uma caneta. Do objeto, saiu uma enorme luz que derreteu parte da parede.

-Segure-se em mim!

Falou a moça.

Frederico fez o que foi dito. Os três voavam em direção ao submarino. Madalena fez sinal para o restante de o grupo recuar. Todos conseguiram chegar à embarcação nadando. Partiram rapidamente sãos e salvos.

Retornaram ao Vale dos Construtores. Nenhum deles estava ferido. Augusta recebeu-os dizendo:

- Senhor Governador! Que prazer em vê-lo!

- Igualmente, minha senhora. Estou curioso para saber quem são os heróis que salvaram minha vida.

- O senhor saberá, mas, infelizmente, terá que ser decretado como morto.

O homem chocou-se com a notícia.

- Qual o motivo dessa decisão?

- Temos que manter esse tipo de tecnologia a salvo de qualquer pessoa com má índole. Ninguém pode saber de nossa existência. Será obrigado a viver aqui.

Tristemente, ele falou:

- Compreendo a situação. Farei o que é necessário pelo bem do país.

- Aurora, Madalena e Otávio poderão partir. Já que possuíam ligação com o nosso segredo. Javier também terá que ficar aqui.

- Não partirei.

Falou Madalena.

- Eu também.

Disse Aurora.

- Madalena, vá e seja feliz!

- Não ficarei longe de ti, Javier!

Os dois abraçaram-se. Otávio, vendo que os jovens amavam-se, falou:

- Minha missão, por hora, está acabada. Retornarei para minha dimensão.

Falou isso e desapareceu no ar. Madalena tentou alcançá-lo. Queria, pela última vez, despedir-se do amigo que a protegeu por tanto tempo. Sentia, no coração, que ele sempre apareceria quando ela precisasse. Os destinos deles estavam interligados pela crença de Azura. Além de ele ter ficado com os pertences da antiga casa dela.

A guerra ainda continuaria entre Brasil e Paraguai. Muitas vidas inocentes foram perdidas. E o país perdedor, Paraguai, saiu devastado no final. Boa parte da crise sofrida por ele, atualmente, deve-se a essa batalha travada no passado.

O Vale dos Construtores permanece ainda intacto, sem que pessoas interesseiras, o descobrissem. Isso, graças aos valentes moradores, que sempre

estiveram dispostos a proteger o local, incluindo Madalena, Aurora e Javier.